

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA

MICAELA COLOMBO

AS LENTES DO IMPÉRIO:

A descoberta de Machu Picchu e sua cobertura pela revista National Geographic

São Leopoldo

2021

MICAELA COLOMBO

AS LENTES DO IMPÉRIO:

A descoberta de Machu Picchu e sua cobertura pela revista National Geographic

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em História, pelo Curso de
História da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Cristina Bohn Martins

São Leopoldo

2021

Dedico este trabalho aos meus pais, Paulo e Enguna, que abriram mão de seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus. E aos meus avós, Armando e Libera (*in memoriam*), que me ensinaram o valor da educação.

AGRADECIMENTOS

A escrita deste trabalho trouxe inúmeras surpresas e desafios. Mudanças de planos e de projetos. Por isso, em primeiro lugar, agradeço àquela que esteve ao meu lado durante todo este percurso: minha orientadora Maria Cristina, ou apenas Cris. Agradeço pela dedicação, empenho e amor com que desempenhou esta função. Agradeço pelas longas conversas e abraços afetuosos com que sempre me recebeu. Agradeço pelo apoio, por embarcar comigo nos meus sonhos e por ser sempre a primeira a me incentivar a todo e qualquer momento. Muito obrigada!

Agradeço também aos professores e professoras do curso de História da Unisinos. Todos, cada um à sua maneira, tocaram meu coração e ajudaram a construir minha formação, enquanto professora e enquanto pessoa. Agradeço especialmente à professora Eliane Fleck pelo carinho e afeto que sempre me dispensou e à professora Sirlei Gedoz pela amizade, carinho e cuidado com que sempre me tratou.

Agradeço à professora Eloisa Capovilla, que infelizmente nos deixou em meio à pandemia. Sempre lembrarei com carinho de nossas conversas, de seus abraços afetuosos e de sua contagiante risada. Ela, uma ferrenha defensora da Arte em todas as suas formas, era uma das pessoas que eu gostaria de poder entregar uma cópia de meu trabalho. Fica o registro de uma aluna (pois alunos nunca deixam de ser alunos) que a levará para sempre no coração.

Às minhas amigas, Carolina Wendling e Eduarda Troian, meus mais sinceros agradecimentos pelo apoio e incentivo, mesmo nas horas mais difíceis. Obrigada pelas nossas longas conversas descontraídas, pelas músicas nostálgicas nas madrugadas, pelas chamadas de vídeo, pelos ombros amigos na hora da tristeza e pelos abraços nos momentos de comemoração. Obrigada pelo amor e companheirismo de vocês, quero levá-las para o resto da minha vida!

À Laura Facchin, minha amiga há mais dez anos, que me acompanha em todos os momentos e que vibra comigo a cada conquista. Obrigada pela nossa amizade tão gentil e sincera. Que estes sejam os primeiros dez anos de toda a nossa amizade!

À Caroline Adamski, minha amada amiga, parceira de músicas latinas e filmes argentinos. Obrigada por me incentivar em todos os momentos e por estar presente em cada fase da minha vida. Obrigada por me ensinar tanto sobre América Latina, sobre feminismo e sobre amor ao próximo e respeito. Obrigada por ser quem és.

À Bianka Adamatti por me ajudar a encontrar os livros que, apesar de tratarem de América Latina, foram publicados apenas nos Estados Unidos. Agradeço também pelas conversas descontraídas e pelo auxílio prestado nos momentos de dúvida.

À minha família por todo apoio e amparo. Aos meus pais, Paulo Ricardo Colombo e Enguna Seibert Colombo pelo amor, carinho, dedicação e afeto com que desempenharam a função mais importante de suas vidas: serem pais. Ao meu pai, meu maior exemplo, obrigada por todo investimento em minha educação, mesmo nas maiores dificuldades sempre prezou pela minha formação. À minha mãe, minha melhor amiga, obrigada pelas nossas conversas e pela nossa cumplicidade. Aos dois, obrigada por estarem ao meu lado em todos os momentos e obrigada pelas histórias contadas antes de dormir, elas também me trouxeram até aqui.

Ao Dionatan Batirolla, meu companheiro de vida, e primeiro leitor deste trabalho. Obrigada pelas doces sugestões e pelo apoio, incentivo e compreensão. Obrigada pela nossa parceria e cumplicidade, pelos livros compartilhados, pelas viagens, pelo amor presente em cada gesto. Obrigada por esta relação tão gentil e sensível. Te amo e te quero presente a cada novo passo e a cada conquista.

“[...] la fotografía es una herramienta de conquista y es tan potente como un rifle – o quizás más porque los disparos siguen lanzándose, las balas nunca dejan de circular.”

Amy Cox Hall

RESUMO

Este trabalho visa analisar o evento conhecido como a descoberta de Machu Picchu em 1911 com atenção especial para as fotografias veiculadas pela revista *National Geographic* na edição de abril de 1913, quando Hiram Bingham reportou a descoberta do assentamento Inca de Machu Picchu, no Peru. Partindo da discussão acerca da construção do discurso que se constituiu sobre Machu Picchu enquanto uma cidade perdida, buscamos relacionar a maneira como estas fotografias transmitiam uma imagem negativa da América Latina. Desde o século XIX os Estados Unidos produziam e veiculavam imagens pejorativas do continente latino-americano, relacionando-o à pobreza, desordem e indolência. Assim, a revista *National* funcionou como um vetor que propagava, a partir das fotografias presentes em suas fotorreportagens, imagens da América Latina que reforçavam este estereótipo. Para este trabalho foram analisadas 9 fotografias que apresentam elementos que eram observados pelos exploradores da revista *National*: natureza, pessoas, clima e as ruínas de Machu Picchu. A partir da análise destas imagens, percebemos que era do interesse da revista representar o continente latino-americano como atrasado e pobre, destoando dos Estados Unidos, uma nação em franco processo de expansão e desenvolvimento socioeconômico. Este interesse estava intimamente ligado ao modelo político adotado pelo país no início do século XX, quando passou a interferir na política de países vizinhos.

Palavras-chave: Machu Picchu. Fotografia. Revista National Geographic.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar el hecho conocido como el descubrimiento de Machu Picchu en 1911 con especial atención a las fotografías publicadas por la revista National Geographic en el número de abril de 1913, cuando Hiram Bingham informó del descubrimiento del asentamiento inca de Machu Picchu, en Perú. A partir de la discusión sobre la construcción del discurso que se constituyó sobre Machu Picchu como ciudad perdida, buscamos relacionar la forma en que estas fotografías transmitían una imagen negativa de América Latina. Desde el siglo XIX, Estados Unidos produjo y difundió imágenes peyorativas del continente latinoamericano, relacionándolo con la pobreza, el desorden y la indolencia. Así, la revista funcionó como un vector que propagó, a partir de las fotografías presentes en sus reportajes fotográficos, imágenes de América Latina que reforzaban este estereotipo. Para este trabajo se analizaron 9 fotografías que presentan elementos que fueron observados por los exploradores de la revista National Geographic: naturaleza, gente, clima y las ruinas de Machu Picchu. A partir del análisis de estas imágenes, nos dimos cuenta de que a la revista le interesaba representar al continente latinoamericano como atrasado y pobre, fuera de sintonía con Estados Unidos, nación en claro proceso de expansión y desarrollo socioeconómico. Este interés estuvo íntimamente ligado al modelo político adoptado por el país a principios del siglo XX, cuando comenzó a inmiscuirse en la política de los países vecinos.

Palabras-clave: Machu Picchu. Fotografía. Revista National Geographic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Estela “D”	32
Figura 2 - Mapa de Hiram Bingham.....	40
Figura 3 - Hiram Bingham no acampamento da expedição	54
Figura 4 - Ponte construída por Heald.....	55
Figura 5 - Mulher peruana fiando.....	62
Figura 6 - Trabalhador peruano mascarando folhas de coca	64
Figura 7 - Lhamas no vale de Yucay	66
Figura 8 - Esqueletos de Machu Picchu	68
Figura 9 - Ruínas de Machu Picchu.....	70
Figura 10 - Detalhe de ruína de Machu Picchu	71
Figura 11 - Casa de Machu Picchu.....	72

LISTA DE SIGLAS

YPE *Yale Peruvian Expedition*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ENTRE RUÍNAS, TESOUROS E DISCURSOS.....	16
2.1 Em busca de maravilhas	16
2.2 Diante de cidades irreais	19
2.3 Em busca de um passado para a América.....	22
2.3.1 As ruínas mesoamericanas.....	26
3 RUÍNAS, CIDADES PERDIDAS E OSSOS.....	35
3.1 O conquistador moderno	35
3.2 A busca por Machu Picchu	38
3.2.1 O discurso do fracasso diante do sucesso	42
3.2.2 O olhar imperial de Bingham	46
4 FOTOGRAFIA E IMPERIALISMO	53
4.1 A revista <i>National</i> e o Império Informal	53
4.2 O Peru sob as lentes do Império.....	58
4.3 As ruínas da cidade perdida dos Incas	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

Em março de 2011, a entrega por parte da Universidade de Yale ao governo do Peru de um conjunto de itens levados das ruínas de Machu Picchu, há quase cem anos, encaminhou a resolução deste conflito secular. Poderíamos assim dizer que este trabalho inicia, de certa forma, com um final feliz.

Estes objetos foram levados do Peru pela *Yale Peruvian Expedition*, entre os anos de 1911 e 1915. Na ocasião, a expedição, chefiada pelo historiador e explorador Hiram Bingham, tinham o objetivo de localizar a cidade de Vilcabamba¹. No entanto, a expedição localizou as ruínas de um grande assentamento inca que ficou conhecido como Machu Picchu. Dali provém grande parte do material arqueológico recolhido pela YPE do Peru. Trata-se especialmente de crânios e ossos retirados de tumbas localizadas em sítios arqueológicos estudados pelos membros da expedição.

A partir do final do século XVIII e ao longo de todo o século XIX, exploradores e aventureiros passaram a interessar-se pela busca de ruínas de antigas civilizações. Isso ocorre, em grande parte, em decorrência das descobertas ocorridas naquele período, especialmente das pirâmides do Egito, da cidade grega de Troia e das cidades de Herculano e Pompeia, na Itália. Da mesma forma, ruínas mesoamericanas foram apresentadas, inicialmente pelo viajante prussiano, Alexander von Humboldt, e posteriormente por outros exploradores, como John Lloyd Stephens e Frederick Catherwood, exploradores das ruínas maias de Copán.

Tais descobertas estimularam novas expedições que, além de visarem encontrar tais ruínas, especulavam sobre seus construtores. De fato, durante o Setecentos, floresceram pesquisas que ligavam as origens de ruínas mesoamericanas aos povos citados na Bíblia, como por exemplo os hebreus. Outros estudos ligavam os ameríndios aos fenícios, cartagineses e romanos. Além disso, ainda pululavam teorias que associavam o continente americano a Atlantis. Assim, o primeiro capítulo deste trabalho delineará o contexto que despertou o interesse de busca por ruínas de cidades perdidas durante os séculos XIX e XX. As cidades perdidas aqui mencionadas são “[...] basicamente representações em torno de ruínas arqueológicas, reais ou imaginárias, pela qual os referências históricos foram perdidos para a civilização ocidental (principalmente a Europa)” (LANGER, 1997 *apud* LANGER 2000, p. 59). Assim, poderíamos dizer que tanto a cidade procurada, Vilcabamba, como a cidade encontrada, Machu Picchu, inserem-se nesta categoria de cidades perdidas.

¹ Vilcabamba, em quíchua *Willkapampa*, foi um assentamento Inca que resistiu à dominação espanhola no Peru até o ano de 1572.

Neste primeiro capítulo apresentaremos a conjuntura que permitiu que, no século XIX, exploradores buscassem por ruínas de civilizações passadas. Discorreremos, ainda, sobre como o encontro destas ruínas proporcionou o desenvolvimento de uma ciência arqueológica incipiente. Para tanto, realizamos leituras que trataram, tanto da busca por cidades imaginárias, quanto por cidades perdidas, tais como: Pastor (1988), Fagan (1986), Giucci (1992) e Langer (1996, 2000, 2001). Ainda neste capítulo realizaremos uma breve exposição sobre os debates, no século XVIII, acerca das origens do continente americano que, como veremos, estão intimamente ligados com a presença destas ruínas. Para isso, nos aportamos em Aregui (1994) e Cañizares-Esguerra (2011).

Durante muito tempo, a Europa conheceu a América a partir do olhar de seus viajantes e exploradores. Primeiro com Colombo e seu relato sobre a descoberta das Índias. Depois, durante os séculos XVI e XVII, inúmeros exploradores deixaram como herança, escritos sobre suas incursões pelo continente. Alguns destes relatos continham grandes aventuras, como é o caso de Cabeza de Vaca, nobre espanhol que foi responsável por explorar, no século XVI, regiões do que hoje são os estados norte-americanos do Texas e do Mississipi. Durante os séculos seguintes, inúmeros exploradores esquadrihariam o continente, muitas vezes buscando por minas de ouro e cidades encantadas, como a Cidade dos Césares, o Paititi e o Eldorado.

No século XIX, passada a busca por cidades encantadas, viajantes europeus passaram a interessar-se pelo interior dos continentes, não mais apenas às costas dentro de um contexto que Pratt (1999) denominou de *consciência planetária*. Os personagens deste movimento foram os viajantes naturalistas que, sob o pretexto do conhecimento científico, apropriavam-se e catalogavam os novos espaços, naquilo que, para Pratt (1999) chama-se *anticonquista*. Até ali, os filósofos e cientistas – inclusive aqueles que detravam a América – escreviam seus tratados desde seus gabinetes, na Europa. Humboldt, por sua vez, inaugurou o *paradigma do viajante*, viajando pela América e produzindo relatos que, de acordo com Pratt (1999), ressignificam o conceito de América do Sul para seus contemporâneos.

No século XX, a *Yale Peruvian Expedition* será responsável por veicular para os Estados Unidos a descoberta de um grande assentamento inca, chamado de Machu Picchu. A YPE era patrocinada pela revista *National Geographic Magazine*, uma revista de divulgação científica voltada para a classe média estadunidense. Fundada pela *National Geographic Society*, a revista *National* tinha grande apelo do público, especialmente por veicular, em suas edições, reportagens geográficas autodenominadas científicas: “A revista trazia fotos que ilustravam reportagens sobre todo o planeta, mapeando para seus leitores, uma imagem conceitual de povos que, pretensamente estavam sendo ‘conhecidos/descobertos’” (BAITZ, 2004, p. 9).

Em abril de 1913, a revista *National* publicou uma edição dedicada exclusivamente a noticiar e celebrar o êxito das mais recentes descobertas da YPE, expedição patrocinada pela revista, com os auspícios da Universidade de Yale e de outras empresas, que localizou Machu Picchu, no Peru. Além de textos explicativos acerca da YPE e das intenções da expedição, a edição da revista contava com mais de 240 imagens, entre fotografias, mapas e esquemas explicativos. O chefe da expedição, o historiador e explorador Hiram Bingham, obteve destaque pela revista, sendo celebrado com um grande profissional que oportunizou à *National* veicular a notícia da *descoberta* de Machu Picchu.

Hiram Bingham graduou-se em História pela Universidade de Yale e, sendo interessado em História Latino-americana, empreendeu viagens para o continente sul-americano. Quando, em 1911 encontrou Machu Picchu, Bingham retornou aos Estados Unidos e, munido de algumas fotografias, levou-as até o editor chefe da revista *National*, Gilbert Grosvenor, que assegurou que a revista montaria uma expedição para explorar a região. A expedição montada para explorar Machu Picchu contava, além do apoio da revista *National*, com o patrocínio de empresas privadas, entre elas a Eastman Kodak, empresa que fabrica, até hoje, insumos para a fotografia analógica. A Kodak forneceu para os membros da YPE câmeras e insumos para que todos os momentos da expedição fossem registrados.

De acordo com Baitz (2004), o maior trunfo da *National* foram as imagens trazidas em suas páginas, não apenas na edição sobre Machu Picchu, em abril de 1913, mas em todas as edições. A fotografia era tão valorizada que, nas capas da revista constavam informações como *contém fotografias coloridas* ou *contém mais de 30 fotografias*, por exemplo. Para Baitz (2004), a fotografia possuía grande estima entre os leitores, pois era aceita como sendo uma fonte verdadeira, não manipulável: “A razão de tal credibilidade reside na crença de que a fotografia é um registro isento da participação humana, e traz uma apresentação imparcial e implacável do real” (BAITZ, 2004, p. 9).

Embora a revista *National* tenha sido fonte para alguns trabalhos, especialmente nas áreas da Comunicação Social, no que toca à midiatização do contato entre exploradores estadunidenses com culturas consideradas exóticas², no campo da História, poucos trabalhos foram produzidos com o uso dessa fonte. Um destes trabalhos é a tese de Rafael Baitz, defendida em 2004, pela Universidade de São Paulo, intitulada *Imagens da América Latina na Revista National Geographic (1895-1914)*. Em seu trabalho, Baitz propõe analisar a maneira como a revista representava os países abaixo do Rio Grande. Para o autor, havia um contraste entre as

² Neste sentido, a tese de Gomes (2013) e a dissertação de Moraes (2007) são trabalhos de referência.

reportagens sobre os Estados Unidos e sobre os países latino-americanos. Enquanto os Estados Unidos eram representados como um país industrializado, tecnológico, países latino americanos eram representados como atrasados e pobres. Diante disso, o objetivo principal de nosso trabalho é analisar como as ruínas de Machu Picchu, e o Peru, foram representados nas páginas da revista *National*, além de verificar quais os discursos construídos sobre o encontro das ruínas.

Para isso, consideramos necessário, inicialmente, apresentar Hiram Bingham. Assim, no segundo capítulo deste trabalho, apresentaremos a trajetória do explorador, amparados principalmente por Bingham (2010) e Heaney (2012). Neste capítulo analisaremos o livro de Bingham *La ciudad perdida de os Incas*, publicado originalmente em 1948, enquanto um relato de viagem. Elegemos alguns aspectos relevantes presentes nos relatos de viagens para serem analisados neste livro, tais como perceber de que maneira o autor descreve os indígenas, a cerâmica e arquitetura Inca, por exemplo. Para analisá-lo enquanto um relato de viagem, utilizaremos de conceitos trazidos por Pratt (1999), tais como anticonquista. Como veremos, o conceito de anticonquista proposto por Pratt (1999), trata da forma como os exploradores, oriundos de uma cultura hegemônica, tentam assegurar sua hegemonia cultural ao mesmo tempo em que asseguram sua inocência no processo de catalogação e exploração de determinado território. Ao analisarmos o relato de viagem de Bingham, também utilizaremos conceitos trazidos por Pastor (1988), especialmente o discurso narrativo do fracasso.

O segundo capítulo também reserva uma discussão acerca dos discursos construídos sobre Machu Picchu, especialmente do que tange ao encontro de uma *cidade perdida* e de que maneira isso foi explorado midiaticamente pela revista *National Geographic*. Este debate será pautado a partir das leituras de Gómez (2009), Hall (2020), Pease (2005) e Salvatore (2016). Como tentaremos demonstrar, Bingham constrói para si uma imagem de conquistador e explorador, mas, na verdade, Machu Picchu não estava *perdida*.

Por fim, o terceiro capítulo deste trabalho analisa as fotografias veiculadas na edição da revista reservada à *descoberta* de Machu Picchu. A fotografia, neste caso, foi utilizada, além de recurso informativo, como recurso que aproximava o leitor da *descoberta*, como Gómez (2009) menciona: uma forma de *aproximar a experiência do distante*. Nossa proposta para este capítulo é a de analisar de que maneira a fotografia contribuiu para legitimar um imperialismo cultural perpetrado pelos Estados Unidos em países latino-americanos durante as primeiras décadas do século XX: “[...] a fotografia é ‘natural’ e ‘verídica’ apenas para um determinado regime visual, já moldado para receber a mensagem fotográfica” (BAITZ, 2004, p. 11). Diante disso, nossa intenção é verificar como pessoas, animais e paisagens peruanas foram apresentadas para os leitores da revista *National*.

As imagens utilizadas como fontes para este trabalho foram publicadas, originalmente, na edição de abril de 1913 da revista *National*. No entanto, muitas destas fotografias foram também publicadas no livro de Hiram Bingham analisado neste trabalho. Na seleção que realizamos, tentamos contemplar ao menos uma fotografia sobre os temas presentes tais como pessoas, animais, paisagens e as ruínas de Machu Picchu e refletir sobre como estes foram apresentados para os leitores estadunidenses. Além das imagens, também realizamos uma análise das legendas que complementam as fotografias, pois os textos, além de complementarem as imagens, “[...] conduzem a interpretação da imagem por parte do receptor” (BAITZ, 2004, p. 20). Apesar da relevância que a análise do texto escrito compreende para a recepção das imagens, neste caso as fotografias, neste trabalho não nos deteremos nos textos presentes na revista *National*, apenas nas legendas, pois isto não caberia no âmbito desta monografia³

Das mais de 240 imagens presentes na edição estudada, selecionamos 9 imagens que, juntamente com suas legendas, demonstram um discurso imperialista que, disfarçado de científico e imparcial, carregava em imagens negativas da América Latina. A análise das imagens se viu enriquecida pela relação entre as mensagens que veiculam e a proposição de Ferres Junior (2005), na qual o autor delinea a maneira como os Estados Unidos compreendiam a América Latina durante o século XIX e início do XX. De acordo com este autor, as representações negativas da América Latina são construídas ainda no século XIX devido ao preconceito dos norte-americanos com os espanhóis (católicos), vistos como supersticiosos e preguiçosos, em contraposição aos ingleses protestantes, estes trabalhadores e anticatólicos.

Além disso, Baitz (2004; 2005) também aponta a importância que a revista *National* desempenhará na expansão do *império informal* norte americano (SALVATORE, 2016). De acordo com o autor

O novo quadro mundial exigia, portanto, o conhecimento dos espaços e de seus habitantes, para melhor estabelecer a natureza da relação entre os povos (a saber, o domínio). Mais do que a simples catalogação das diferenças territoriais e suas articulações, era premente estabelecer conhecimento seguro que facilitasse o controle (BAITZ, 2005, p. 233).

Durante os primeiros anos do século XX, os Estados Unidos tornaram-se uma potência capitalista. Utilizando desse poderio, o país passou a interferir na economia e política de países latino-americanos. A política do *big stick* e a Doutrina Monroe tornaram-se a maneira com que

³ Um estudo mais aprofundado, abordando também os textos contidos nas reportagens desta edição da revista *National* está sendo elaborado como um projeto de mestrado.

os Estados Unidos passaram a exercer domínio e controle sobre estes países. Do mesmo modo, o discurso presente na revista *National* e nos relatos de Bingham deixam evidente o discurso da anticonquista, ou seja, dessa neutralidade que os cientistas supostamente gozavam.

Por fim, cabe dizer que o título de nosso trabalho, *As lentes do império* faz referência ao trabalho de Pratt (1999) *Os olhos do império*. Neste livro, a autora analisa os relatos de viagens e percebe como os viajantes do Oitocentos compreendiam e se apropriavam do novo mundo e construía, assim, uma descrição que permitiria a expansão de um império colonial. Da mesma forma, nosso trabalho tenta demonstrar como as imagens veiculadas de Machu Picchu, aliado ao discurso que Hiram Bingham construiu sobre essa *descoberta*, produziu uma imagem sobre o Peru e seus habitantes que os colocaram no mapa da expansão imperial norte-americana do início do século XX.

2 ENTRE RUÍNAS, TESOUROS E DISCURSOS

Este capítulo busca discutir a presença de cidades perdidas no imaginário coletivo durante os primeiros séculos da Conquista e sua permanência durante os séculos XVIII e XIX, que culminarão na descoberta de ruínas de cidades antigas. A descoberta de ruínas, tanto na Europa como no Oriente Médio, alimentará os sonhos de inúmeros aventureiros rumo à América. O olhar destes exploradores para os vestígios das antigas civilizações americanas é repleto de preconceitos e estereótipos, denotando o pensamento imperialista vigente à época. Neste capítulo discutiremos alguns destes discursos referentes à presença de ruínas na América.

2.1 Em busca de maravilhas

Durante o primeiro século de Conquista da América, a busca por cidades míticas alimentou expectativas de diversos conquistadores, em diferentes regiões do continente. Entre os *mitos da conquista* encontramos Cíbola e a Fonte da Eterna Juventude ao Norte, o Paititi e as Amazonas próximos à floresta Amazônica, e o Eldorado na atual Venezuela. Para alguns autores, como Fagan (1984) e Giucci (1992), a busca por riquezas na América foi um elemento propulsor que esteve à frente da Conquista e do Evangelho. O que motivava estes homens a enfrentarem os perigos do mar, e depois, os perigos da terra, iria além da busca por riquezas. Pastor (1988) fala da constante fascinação pelo maravilhoso e do gosto pela aventura, incentivado muitas vezes pelos romances de cavalaria.

Giucci (1992) qualifica este impulso como *busca pelo maravilhoso*. O maravilhoso são as imagens produzidas pelo imaginário, especialmente o ocidental. De acordo com Le Goff (1994), o termo *mirabilia* (maravilha), possui a mesma raiz etimológica de *olhar* e *espelho* (mirari, mirar), assim, essa linguagem do maravilhoso “é todo um imaginário que se pode ordenar em volta desse apelo a um sentido, o da vista, e de uma série de imagens e de metáforas visuais” (LE GOFF, 1994, p. 46).

Inicialmente o maravilhoso era situado pelos exploradores na Ásia, o continente exótico e desconhecido. Os livros sobre as viagens de Marco Polo e de Alexandre, o Grande, ajudaram a construir esse imaginário fantástico sobre o Oriente, lugar onde repousavam as fantasias ocidentais. Contudo, a descoberta da América, um continente completamente novo e inexplorado, fez aflorar nos europeus a ideia de que riquezas – às vezes na forma de cidades míticas – estariam ao alcance de suas mãos:

Assiste-se então à transferência de muitas das fantasias que a imaginação tinha estabelecido no Oriente para o novo continente onde, encontrando um terreno fértil, retomam força, sendo que algumas delas experimentam curiosas metamorfoses (AIROLA; BEER, 2000, p. 17).

Assim, durante o século XVI e parte do século XVII, várias expedições foram mobilizadas tencionando encontrar tais regiões míticas. Contudo, a partir do século XIX, a linguagem do maravilhoso que havia sido importante no processo de conquista e colonização foi adaptada a uma nova realidade (LANGER, 1996). Com efeito, como veremos, desde o início do século XIX, a descoberta de algumas antigas cidades vai animar a nascente arqueologia; outras contudo, redundarão em desencanto e frustração.

Desde meados dos Setecentos a Europa passou a voltar-se para a exploração do interior dos continentes, não mais apenas à costa, num movimento que Mary Louise Pratt (1999) chamou de *consciência planetária*: a partir dos aparatos da história natural, a Europa seria capaz de classificar e significar não apenas a América, mas todo o mundo. Tais expedições que visavam desbravar os interiores do continente tinham um objetivo bastante específico: o comércio. Os naturalistas que eram enviados para o Novo Mundo eram vistos como “auxiliares das aspirações comerciais expansionistas da Europa” (PRATT, 1999, p. 69). Nas palavras de um autor da época “É principalmente da história natural que aprendemos o valor e importância de qualquer país, pois é por esta fonte que podemos conhecer tudo que ele produz” (ADAMS, 1759 *apud* PRATT, 1999, p. 69-70).

O protagonista destes movimentos de conquista e anticonquista⁴ é sempre o homem burguês europeu, chamado por Pratt (1999, p. 33) de *observador*, “[...] aquele cujos olhos imperiais passivamente veem e possuem”. Durante os séculos XVI e XVII as figuras que *inventaram a América* para a Europa foram Colombo, Vespúcio e Raleigh. No século XIX naturalistas, como por exemplo Alexander von Humboldt, assumem essa postura de *observadores*, agora recriando uma América completamente nova para os europeus: não mais um continente de caos e desordem, mas um continente com uma Natureza que os impressiona com seu tamanho e esplendor (PRATT, 1999).

Ao retornar à Europa de suas viagens pela América nos inícios do século XIX, Humboldt publicou diversos livros sobre a natureza americana, descrevendo desde os picos nevados da Cordilheira dos Andes até os pampas argentinos e os *llanos* venezuelanos.

⁴ Este termo, utilizado por Mary Louise Pratt, refere-se às tentativas burguesas de assegurar inocência no processo de conquista ao mesmo tempo em que asseguram uma hegemonia europeia. De acordo com Pratt “[...] estas estratégias de afirmação de inocência são constituídas tendo por base a mesma retórica imperial de conquista associada à era absolutista” (PRATT, 1999, p. 33).

Humboldt foi o responsável por inaugurar uma nova visão da Europa sobre a América. Seus escritos são repletos de descrições sensoriais e profundas sobre o continente, surpreendendo seus leitores, por exemplo, com descrições das rajadas frias que açoitavam o Pacífico, algo inesperado na zona equinocial (PRATT, 1999).

Tais descrições são tão importantes que será a partir do livro de Humboldt, *Imagens da Natureza*, revisado duas vezes, em 1826 e 1849, e sua continuação *Imagens das Cordilheiras*, que a Europa construirá o arcabouço imagético e imaginário sobre a América. Nas palavras de Pratt, “[...] imagens que vieram a significar ‘América do Sul’ [...]” (PRATT, 1999, p. 219). Pratt (1999), também atenta para o fato de que Humboldt representa a natureza americana como intocada pelas mãos do homem, como se três séculos de conquista não tivessem modificado a paisagem. Humboldt descreve esta natureza como a natureza primal, tal como Colombo a descrevia no século XVI, sem a presença de pessoas ou animais, sem construções ou moradias. Apenas a natureza e o observador, neste caso, onipresente.

Mary Louise Pratt (1999) afirma que houve uma recepção seletiva por parte dos escritos de Humboldt para que estes produzissem tais imagens da América enquanto natureza primal. Dessa forma, o livro *Imagens das cordilheiras e dos povos indígenas da América* perdeu a segunda parte de seu título, sendo lembrado para a posteridade apenas como *Imagens das Cordilheiras*. Neste livro, publicado originalmente como um *Atlas Pitoresco* em 1810, Humboldt apresenta, além de elementos naturais, como o Monte Chimborazo, cataratas, pontes de pedras naturais, etc., relíquias arqueológicas pré-colombianas do Peru e do México, tais como a pirâmide de Cholula, a pedra do calendário asteca, além de pinturas e manuscritos hieroglíficos (PRATT, 1999).

A proposta de Humboldt, para este livro, era a de criar algo harmônico e articulado entre a natureza americana e as construções indígenas: “apresentar no mesmo trabalho os rudes monumentos das tribos indígenas da América e as pitorescas paisagens dos países montanhosos nos quais elas habitam” (HUMBOLDT *apud* PRATT, 1999, p. 230). No entanto, o livro acabou não sendo lembrado por seu conteúdo arqueológico, mas sim por ser uma combinação bastante desordenada destes elementos. Ainda de acordo com Pratt (1999), uma hipótese para que *Imagens das cordilheiras* jamais tenha interessado leitores e comentaristas do viajante, é o fato de que as ruínas arqueológicas apresentadas contrastavam drasticamente com a ideia estereotipada que a Europa, e o próprio Humboldt, possuíam da América: um continente a-histórico e com populações primitivas.

Para Pratt (1999), o Egito foi a principal influência para Humboldt. Neste país, as recentes descobertas arqueológicas ajudavam a reconstruir um passado perdido por meio destas

ruínas: “Lá também a recuperação ocorreu no bojo de um novo expansionismo europeu e de uma nostálgica recuperação dos impérios antigos” (Pratt, 1999, p. 231). A descoberta de tais vestígios egípcios, como por exemplo a Pedra da Roseta, inspiraram o interesse de Humboldt sobre os manuscritos hieroglíficos astecas; contudo, o explorador não deixa de ter um olhar bastante depreciativo sobre os monumentos construídos pelas civilizações pré-colombianas: “A arquitetura americana, não podemos deixar de reiterar, não causa qualquer espanto, seja pela magnitude de seus trabalhos, seja pela elegância de sua forma” (HUMBOLDT *apud* PRATT, 1999, p. 232). A seguir, apresentaremos esta conjuntura que proporcionou, no século XIX, um campo frutífero para que outros exploradores se dispusessem a buscar por vestígios de grandes civilizações tanto no continente Europeu quanto na África, além de, é claro, na América.

2.2 Diante de cidades irreais

Em 1812, o explorador Johan Ludwig Burkhart faria a primeira descrição conhecida de uma cidade perdida. Percorrendo a Jordânia, descobre a cidade de Petra, pois havia entrado em contato com tradições que diziam respeito a um vale sagrado e inacessível. Assim, com um guia e disfarçado de árabe, ele consegue chegar à capital dos Nabateus. Segundo Langer (1996) essa acabou sendo a primeira descrição de uma cidade perdida. Para este autor:

Aqui percebe-se as características fundamentais deste novo imaginário – a localização destas cidades é sempre fora da Europa, em regiões de difícil acesso; a sua existência não é um consenso entre os intelectuais de seu período (como ocorria com as cidades fantásticas até o século XVIII); as características de mistério e maravilha ainda integram suas narrativas, fluindo entre a realidade e o mito (LANGER, 1996, p. 60).

Outra cidade que também foi muito procurada, inicialmente com ares de cidade encantada, foi a cidade de Tombuctu, na África. Durante a Idade Média, circulou uma descrição sua como “[...] uma cidade maravilhosa, com mesquitas de cúpulas douradas, palácios suntuosos e brilhantes” (LANGER, 1996, p. 60). Assim como a América, a África também era descrita como um continente exótico, o que facilitava a transposição, para ela, de mitos europeus como o Reino do Preste João ou as Minas de Salomão, até o século XIX. Em 1828, o explorador francês René Caillié encontrou a mítica cidade africana, no entanto, em vez de cúpulas douradas, o que ele localizou foi uma vila habitada de cerca de 4 quilômetros de extensão, circundada por muralhas (LANGER, 1996).

Decepções semelhantes passaram outros exploradores que buscavam por cidades perdidas nesse período. A respeito disto, Johnni Langer (1996) comenta sobre as *schemattas*,

padrões mentais de representação familiar que não conferem com aquilo que é encontrado. Esta teoria de Ernst Gombrich⁵ ajuda a entender os padrões criados pelos europeus para *idades encantadas* ou *perdidas*: elas sempre pareceriam cidades europeias. Para Langer “[...] os artistas quando representam uma cidade, partem de um conceito totalmente formado pelo seu contexto histórico-cultural” (1996, p. 61). Desse modo, o autor ressalta que os exploradores europeus do século XIX poderiam ter dois referencias: os orientais, como Constantinopla, e os clássicos greco-romanos.

Isso se verifica no caso do explorador inglês Austen Layard, que não esconde sua decepção ao encontrar as ruínas da cidade assíria de Nineveh, em 1845, pois esta não correspondia com sua *schematta*: “Caso o viajante atravessasse o Eufrates à procura das ruínas da Mesopotâmia e da Caldéia que deixara atrás, na Ásia Menor ou na Síria, sua busca seria de balde” (LAYARD, 1968 *apud* LANGER, 1996). Isso ocorre porque Layard buscou por ruínas que se assemelhassem de alguma forma às greco-romanas, contendo muralhas, estátuas e colunas. Por outro lado, objetos do cotidiano assírio, como fragmentos cerâmicos e tábuas de escrita cuneiforme foram abandonadas, pois, além de não corresponderem ao esperado, não poderiam ser vendidas. (LANGER, 1996).

Antes de a Arqueologia ser entendida como ciência, a busca por tesouros e relíquias de civilizações passadas era uma atividade lucrativa. Antiquários e exploradores buscavam por moedas e objetos que pudessem ser vendidos para colecionadores ou museus. Mas a busca por objetos de valor de culturas passadas não é procedente do século XIX. Segundo Johnni Langer (2000), já no século XVI formaram-se grupos de antiquários que se reuniam para divulgar “[...] coleções existentes em cada região” (LANGER, 2000, p, 19). A Sociedade dos Antiquários de Londres foi a mais antiga, fundada em 1572, e tinha como principal função a conservação dos monumentos nacionais (LANGER, 2000).

No século XVII o estudo de objetos era baseado a partir da seriação e classificação. A partir do século XVIII, com o Iluminismo, e a busca pela reconstituição do passado, a arqueologia passou a ser um dos meios para se alcançar este objetivo. Dessa forma, muitos eruditos contribuíram para a arqueologia moderna, mas um dos mais importantes foi Bernard de Montfaucon. Na obra *L'Antiquité expliquée et représentée en figures* (1719), na qual Montfaucon “Procurava uma correspondência intrínseca entre o texto com os objetos de

⁵ Ernst Gombrich foi um dos mais importantes historiadores da arte do século XX. Seu livro mais célebre é *A História da Arte*, publicado pela primeira vez em 1950 e que, ainda hoje, é referência para especialistas. Para saber mais sobre as *schemattas* ver capítulo: De A. Warbug a E. H. Gombrich: *Notas sobre um problema de Método* de Ginzburg (1989) no livro *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*.

investigação” (LANGER, 2000, p. 20). Diante disso, Montfaucon inaugurou um dos preceitos da arqueologia moderna, relacionando os objetos encontrados com o contexto ao qual pertenceram.

As ruínas das cidades de Herculano e Pompeia talvez tenham sido as descobertas arqueológicas mais impactantes culturalmente. Ambas as cidades foram soterradas pelo vulcão Vesúvio em 79 da Era Comum⁶. A partir disso, ficaram adormecidas sob as cinzas do vulcão. Herculano pouco a pouco passou a ser repovoada em uma vila chamada Resina. Já no antigo sítio de Pompeia nunca houve um repovoamento efetivo (LANGER, 2000). Embora desde o século XVII existam relatos sobre estas cidades estarem soterradas, será apenas no século XVIII que, de fato, serão escavadas. De acordo com Langer, as ruínas não foram escavadas antes porque não se acreditava que de fato poderia haver vestígios das cidades perdidas de Herculano e Pompeia (LANGER, 2000, p. 22).

Apenas entre 1710 e 1738 é que Herculano será escavada, a partir de artefatos que se encontravam pelo sítio, porém ainda sem se imaginar que se tratava de uma cidade. De acordo com Bruce Trigger (2004), as escavações nestas duas cidades italianas também foram verdadeiras caças a tesouros, porém, “gradualmente, firmou-se buscar pela reconstituição do passado e a arqueologia passou a ser o meio para se alcançar este objetivo” (TRIGGER, 2004, p. 54). Em 1738 foi encontrada a inscrição *Theatrum Herculanensem*, o que comprovou a autenticação da cidade. Já Pompeia começou a ser escavada em 1748, porém apenas em 1763 “[...] foi feita a identificação de origem, através de uma inscrição do tribuno *Svedius Clemens*” (Corti, 1958, *apud* LANGER, 2000, p. 22).

De acordo com Langer (2000), um dos impactos culturais da descoberta das cidades de Pompeia e Herculano foi a *reconstituição cotidiana da História*. Assim, o que antes se conhecia apenas pela literatura “[...] agora era revelado pela descoberta de objetos domésticos no contexto da própria residência antiga” (LANGER, 2000, p. 23). Dessa forma, a prática de buscar compreender o passado a partir dos objetos encontrados e de tentar contextualizá-los dentro dessas cidades inaugurou a ciência da arqueologia.

Depois de Herculano e Pompeia, a cidade perdida que mais comoveu o imaginário ocidental foi, certamente, Troia. Esta cidade grega famosa pela guerra narrada na *Ilíada* de Homero, não era considerada real até meados do século XIX. À época, historiadores consideravam a Guerra de Troia e a própria *Ilíada* como uma narrativa mítica, não envolvendo

⁶ Doravante utilizaremos, neste trabalho, os termos AEC e EC, que significam, respectivamente, Antes da Era Comum e Era Comum.

eventos ocorridos realmente. No entanto, esta perspectiva mudou após a descoberta do explorador alemão Heinrich Schliemann.

Em 1868-1869 Schliemann, um rico comerciante alemão, seguindo as descrições de Homero, chegou a uma região da Turquia chamada Hissarlik. Ali, antes mesmo de iniciar as escavações, Schliemann já tinha certeza de que se encontrava sobre a antiga cidade homérica (LANGER, 1996). Para Langer (1996), Heinrich Schliemann possuía uma *schematta* da cidade grega, baseada na sua descrição e interpretação da Ilíada. Desse modo, após iniciar as escavações, Schliemann mandou derrubar muros e outras construções que não estavam de acordo com as descrições contidas na obra de Homero. Neste mesmo ano, também foi encontrado um tesouro que foi tomado como sendo o de Príamo, confirmando assim as teorias de que esta era definitivamente Troia.

Além de tornar a descoberta de Troia mundialmente famosa, Schliemann também contribuiu com a popularização da ciência arqueológica. Ele enviava para jornais e periódicos ingleses e americanos, fotografias e ilustrações das ruínas, aproximando-se, assim, dos públicos erudito e popular. Para Langer, o que contribuiu para a popularidade de Schliemann foi a “[...] relação entre a narrativa mítica e o relato histórico: a descoberta de Schliemann reforçou no imaginário, a existência de locais fantasiosos ou que eram considerados irrealis pela ciência” (LANGER, 1996, p. 74). Dessa forma, influenciados pela descoberta de Schliemann, outros exploradores e aventureiros buscaram, não só na Europa, por cidades perdidas. Do mesmo modo, o recurso da fotografia como meio de disseminação e popularização de achados arqueológicos também será explorado no início do século XX, como veremos mais adiante.

2.3 Em busca de um passado para a América

Durante o século XIX, assim como na Europa, exploradores também buscaram por cidades perdidas na América. Contudo já no século XVIII os Estados Unidos iniciaram suas buscas arqueológicas e escavações por causa dos chamados *Mound-Builders*, do inglês *mound* (montes) e *builders* (construtores), montes funerários construídos por populações nativas de outras épocas. Os *Mound-Builders* mexeram com o imaginário dos colonos americanos e foram as primeiras descobertas arqueológicas na América (FAGAN, 1984).

A povoação dos Estados Unidos ocorreu, inicialmente, na costa leste, no entanto, durante o Setecentos, com o fim da guerra entre a França e a Inglaterra (1783), abriu-se precedente para iniciar os povoamentos para o oeste, numa vasta área entre as primeiras colônias e o Mississipi que até então eram conhecidas apenas por missionários e caçadores. A

partir da progressiva entrada dos colonos, a paisagem demonstrava sinais da presença humana desde tempos muito antigos, já que as planícies apresentavam centenas de montes de terra que seguiam por toda extensão da bacia do rio Ohio. De acordo com Fagan (1984), nos anos que seguiram à colonização dessas terras, foram encontrados mais de dez mil desses montes; alguns “[...] simples protuberancias sobre la llanura”, outros com enormes acumulações de terra (FAGAN, 1984, p. 99).

Quando comparada à Europa ou à África, ou mesmo ao Oriente Médio, a América do Norte não possuía nenhum grande monumento ou vestígio de uma civilização avançada. O Egito possuía grandes pirâmides, como a de Gizé; na Inglaterra foram encontrados os megálitos de *Stonhenge*; e a Europa possuía as grandes construções gregas e romanas. No entanto, na América não havia nada que se comparasse a estes monumentos. Por isso os *Mound-Builders* passaram a atrair a atenção dos colonos e intelectuais. Para os novos colonos, que haviam encontrado poucos indígenas e que ignoravam os relatos de exploradores espanhóis e franceses sobre a região, estes montículos deveriam ser obra de uma raça há muito desaparecida e que não tinha ligação direta com os indígenas da região (FAGAN, 1984). Assim muitos desses montículos acabaram por ser destruídos para nivelar o solo para a agricultura. Outros colonos, no entanto, escavaram os montes e descobriram ossos, ferramentas agrícolas, armas e ornamentos, contribuindo para as especulações e gerando mais curiosidade. Em 1785, um mapa, produzido por John Fitch, que mostrava a região do noroeste do Wisconsin declarava que esta era

Una región que fue poblada tiempo atrás por gentes más expertas en el arte de la guerra que sus habitantes actuales. Frecuentemente se encuentran fortificaciones regulares, algunas de las cuales son increíblemente grandes. También hay muchas tumbas y torres semejantes a pirámides de tierra (FAGAN, 1984, p. 101).

A suposição de que todos os seres humanos descendiam de Adão e Eva era um dogma cristão (FAGAN, 1984), dessa forma, as pessoas buscavam solucionar o enigma da descendência do homem nas civilizações do Velho Mundo a partir dessas grandes construções que eram vistas como evidências tangíveis de antiguidade (FAGAN, 1984). Assim, após as descobertas sobre o conteúdo dos *Mound-Builders*, os colonos passaram a especular sobre a civilização que os teria produzido, certamente mais avançada e civilizada que as culturas autóctones que haviam encontrado até ali. Dessa forma, intelectuais passaram a creditar tais construções aos *vikings*, hebreus, fenícios, egípcios, gregos, atlantes, etc. (LANGER, 2001, p. 145).

Estas teorias acabaram coincidindo com escritos coloniais que tentavam entender a origem cultural do homem americano. Monumentos que foram posteriormente encontrados na América, inicialmente tiveram sua autoria atribuída para outras civilizações, geralmente europeias. Esta característica é parte do *Difusionismo*, uma corrente da teoria arqueológica que acreditava que os grandes monumentos americanos eram efeito da difusão de traços culturais de grandes civilizações europeias ou mesmo de civilizações imaginárias, como Atlântida.

No século XVIII uma nova corrente científica passou a vigorar nas Academias europeias. Esta corrente foi inspirada por Cornelius de Pauw (1739-1799) que, propondo-se a estudar o passado da Terra publicou seu livro *Recherches philosophiques sur les américains*. Neste tratado filosófico, De Pauw pondera que tanto ameríndios, quanto crioulos são degenerados e fracos (CANIZARRES-ESGUERRA, 2011). Para escrever seu livro, De Pauw utilizou diversos cronistas da América (ARREGUI, 1994), mas também utilizou as ideias de Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), que também havia escrito sobre a América.

Segundo Buffon, o Novo Mundo era um continente jovem, muito húmido, saído recentemente de um dilúvio, com pântanos fétidos e insalubres. Além disso, a própria geografia americana era depreciada: as cordilheiras eram “[...] muy jóvenes, abruptas, e inhabitables que, contra toda lógica (es decir, contra la lógica establecida por la mayoría de los sistemas orográficos del resto del planeta), corrían de norte a sur, rompiendo toda posibilidad de comunicaciones fáciles” (ARREGUI, 1994, p. 38). Os animais americanos também eram detratados, pois eram pequenos. As lhamas e vicunhas, por exemplo, não passavam de camelos degenerados. O puma não se comparava a um leão. De acordo com Buffon, na América não se encontravam animais que pudessem se comparar aos animais encontrados na Europa.

A umidade da América tropical, suas espécies animais distintas e o suposto carácter primitivo e degenerado dos índios e colonizadores crioulos (particularmente hispano-americanos) foram utilizados para confirmar que o continente ou presenciara convulsões geológicas catastróficas, ou emergira recentemente das águas (CANIZARRES-ESGUERRA, 2011, p. 19)

A despeito disso, Buffon nada comenta sobre os fósseis de mamutes e bisões que Jefferson comenta no seu *Notes of Virginia* (ARREGUI, 1994, p. 39). Essa detração também era contra os ameríndios, vistos com fracos, sem pelos, tendo, inclusive, sua masculinidade questionada.

Como Langer (2001) aponta, no século XVIII, as teorias difusionistas encontrava adeptos, como no caso de Ezra Stiles (presidente do Yale College) que acreditava que os

montículos haviam sido construídos por remanescentes das tribos de Israel e de Benjamin Franklin que supunha serem construções espanholas coloniais (LANGER, 2001). Um caso interessante é o dos *Mounds de Marietta* que entre 1787 e 1788 foram palco de um pioneiro levantamento topográfico, realizado pelo general Rufus Putnam. Seu agente de negociações, o reverendo Manasseh Cutler contou os anéis de árvores que já haviam sido derrubadas, chegando a somar, em algumas, a cifra de 463 anéis. A partir desses cálculos, Cutler constatou que os montículos deveriam ter sido construídos antes do ano 1300 da nossa Era. Cutler também supôs que estes montículos haviam sido construídos por uma raça industrializada que havia vivido na região muito antes dos atuais indígenas⁷.

Contudo, as pesquisas mais relevantes produzidas nos EUA no século XVIII são de Thomas Jefferson. Em 1781, após deixar a política, Jefferson retirou-se para seu rancho, e ali dedicou-se a escrever um trabalho acerca do território da Virginia, que havia sido solicitado pelo governo francês no ano anterior (FAGAN, 1984). O resultado desta investigação foi o livro *Notes on the State of Virginia* (1785), que discutia assuntos como leis e dinheiro, animais, vegetais e minerais, além dos indígenas da região (FAGAN, 1984). A primeira parte deste trabalho era dedicado ao estudo das populações antigas da Virginia, anteriores à chegada dos europeus. Embora a literatura arqueológica da época ainda fosse bastante rudimentar, tratando mais de caças aos tesouros do que investigação científica, Jefferson levou sua pesquisa a sério, mais preocupado com a curiosidade científica do que com a procura por tesouros. Seus métodos investigativos acabaram por anteceder em mais de um século os arqueólogos dos finais do século XIX.

A primeira hipótese de Jefferson era bastante revolucionária para o contexto da época: para ele, os montículos eram de origem indígena, contrariando a maioria dos eruditos contemporâneos a ele. Segundo Jefferson, estes montículos constituiriam um “santuário dos mortos” (FAGAN, 1984, p. 108). As escavações de Jefferson iniciaram em um monte às margens do rio Rivanna, perto de uma velha aldeia indígena. O montículo possuía 13 metros e Jefferson escavou trincheiras de cerca de um metro para poder estudar o interior dos montes. Os ossos estavam em grande confusão abaixo do solo. Com essas descobertas, Jefferson seguiu escavando, agora numa escala maior, para que pudesse estudar a estrutura interna dos montes. Sobre o cuidado com as escavações que Jefferson dispensava, Fagan diz: “Al contrario de las frenéticas horadaciones de los cazadores de tesoros, la excavación de Jefferson fue planeada cuidadosamente para extraer el máximo de información del sitio” (FAGAN, 1984, p. 109).

⁷ De acordo com Fagan (1984), o método empregado por Cutler de contar os anéis das árvores é um precursor da dendrocronologia, ciência que estuda a cronologia a partir dos anéis das árvores.

No entanto, apesar da importância apontada por Thomas Jefferson sobre os *Mound-Builders*, os colonos insistiam em erguer suas cidades sobre esses montes. À medida que as cidades se expandiam e os montes eram destruídos para aplainar a terra para a agricultura e construir casas, os colonos acostumaram-se a encontrar vestígios dessas civilizações passadas: ferramentas de pedra, peças de cobre, cerâmicas e outros artefatos que eram encontrados (FAGAN, 1984). Ignorando completamente as teorias de Jefferson, seguiam especulando sobre as origens da civilização que teria construído esses grandes monumentos. Para a população local, a teoria mais viável era a das dez tribos perdidas de Israel. De acordo com Fagan (1984), os escritores da época apelavam para a Bíblia, lembrando do episódio dos ídólatras do reino de Israel que construíram “[...] adoratorios elevados en todas sus ciudades” (FAGAN, 1984, p. 118). De acordo com a história bíblica, após a reconquista de Israel essas tribos foram expulsas e obrigadas a viver em cidades assírias, perdendo-se sua referência a partir de então. Segundo Fagan, para a população de Ohio, não havia motivo para duvidar que aqueles montes eram os mesmos locais de adoração das tribos israelitas, já que todos concordavam que os indígenas locais eram incapazes de construir tais montes (FAGAN, 1984).

As disputas sobre quem havia produzido os montes também escancara uma disputa colonial. O mito que se construiu sobre os *Mound-Builders* foi propagado por Joseph Smith que no *Livro dos Mórmons* relatou a migração transatlântica de civilizações do Velho Mundo para a Europa (LANGER, 2001, p. 147). Se essas construções não eram dos indígenas locais, então os colonos tinham tanto direito a esta terra quanto os autóctones:

La supresión de los indigenas solamente podía justificarse si se demostraba que no eran los propietarios originales de las tierras que ocupaban. Y si ellos no podían explicar las grandes construcciones de tierra, que de cualquier modo estaban más allá de sus limitadas habilidades técnicas, entonces no tenían más derechos de propiedad sobre la tierra que los nuevos colonos (FAGAN, 1984, p. 119).

2.3.1 As ruínas mesoamericanas

Enquanto nos Estados Unidos os *Mound-Builders* ainda geravam especulações acerca de sua origem, na Mesoamérica grandes ruínas bastante requintadas deixadas por civilizações passadas despertavam o interesse de exploradores e antiquários. No Setecentos os reis Bourbon usaram este passado glorioso como meio de valorização e fortalecimento do sentimento de orgulho nacional. Assim, autoridades usaram as ruínas como meios de legitimar seu poder, a partir das genealogias e cronologias históricas que falavam de um passado glorioso que deveria ser reabilitado (LANGER, 2001).

Ainda no Setecentos, o primeiro soberano a valer-se destes monumentos foi Carlos III, que realizou uma série de reformas e estímulos culturais na Espanha, o que acabou refletindo nas colônias além-mar. Em 1784, sob ordem do Rei, José Estachería criou uma comissão oficial, composta por José Calderón e Antonio Bernasconi, que objetivava inventariar os monumentos mexicanos além de coletar objetos valiosos (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011; LANGER, 2001). Dois anos mais tarde, em 1786, outra comissão foi criada, dessa vez por Antonio del Río, para investigar a cidade de Palenque, que havia sido descoberta dez anos antes pelo padre Ordóñez y Aguiar. Em 1822 o relatório de del Río foi publicado em Londres, no qual ele afirma que essas ruínas teriam origem egípcia. Após a queda de Carlos III e com a ascensão de Carlos IV, o interesse nas ruínas mexicanas permaneceu e em 1804 encarregou-se o francês Guilherme Dupaix de seguir com as investigações na região de Palenque. Dupaix viajou com um artista que registrou a região em alguns desenhos e realizou algumas escavações nas quais encontraram ossos e cerâmicas. Os relatórios dessa expedição foram arquivados na Cidade do México em 1808 e ignorados, até que foram reencontrados por especialistas europeus anos mais tarde.

As ruínas de Palenque estiveram, durante o século XVIII, no centro de uma discussão acerca de sua origem. Intelectuais americanos, como o padre José Ordóñez y Aguiar, creditavam a fundação da cidade aos fenícios, romanos e hititas. De acordo com Cañizares-Esguerra (2011), foi justamente a importância dada pelo padre Ordóñez y Aguiar para a cidade de Palenque que movimentou tantas expedições até as ruínas. O padre sustentava que Palenque havia sido o centro de uma economia global que ligava a Europa ao Novo Mundo e que movimentou, inclusive, migrações de romanos, cartagineses e hititas para a América, e que Palenque era a mítica cidade de Ofir, fundada por Salomão (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011).

José Calderón, alcaide do vilarejo de Palenque, que realizou a primeira incursão pelas ruínas, descreveu uma cidade com “grandes palácios, corredores com arcos e torres de múltiplos andares e com bairros esparramados estendendo-se por quilômetros” (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011, p. 385). Analisando figuras presentes em relevos, Calderón relatou que provavelmente a cidade teria sido fundada por romanos, pois uma das figuras “usava sandálias adornadas com crescentes similares a um padrão usado pelas elites romanas, de acordo com a descrição de Plutarco” (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011, p. 385). Além disso, o alcaide também sugeriu que a cidade poderia ter sido habitada por espanhóis que fugiram após a invasão moura na Península Ibérica ou por cartagineses.

Atendendo aos pedidos do governador da província, José Estachería, o arquiteto Antonio Bernasconi realizou uma expedição mais cuidadosa pelas ruínas. O governador

solicitou que Bernasconi atentasse para algumas áreas específicas: em primeiro lugar, Bernasconi deveria atentar para as informações iconográficas e coletá-las. Bernasconi também deveria identificar qual era a economia que sustentou a cidade. Além disso

O arquiteto italiano foi solicitado a encontrar edifícios usados pelos ameríndios para armazenar tesouros e não comida, pois apenas uma cidade com moedas de metal e uma casa da moeda poderia ser considerada civilizada. Como parte do estudo da economia política anterior da cidade, Bernasconi foi também incumbido de esquadrihar a terra à procura de traços de estradas pavimentadas, pois nenhuma grande cidade na floresta tropical poderia ter prosperado com meras trilhas lamacentas. da mesma forma, Estachería pediu a Bernasconi que explorasse os rios próximos para verificar se eram navegáveis e se havia portos em suas margens (CAÑIZARES-ESGUERA, 2011, p. 387).

Após passar três meses fazendo o trabalho de campo, Bernasconi entregou os resultados de sua coleta. O arquiteto relatou ter encontrado as ruínas de 22 casas em um raio de cinco quilômetros. O arquiteto também reportou que encontrara edifícios e palácios com fundações robustas, além de galerias subterrâneas com arcos e domos e um aqueduto e duas pontes, o que significava a presença de alguma civilização. No entanto, a maioria das solicitações de Estachería não foram atendidas, pois nada se encontrou relacionado a casas de armas e portos, por exemplo. Além disso, a análise iconográfica coletada por Bernasconi constatou que se tratavam de ameríndios.

Apesar das descobertas de Bernasconi terem desanimado Estachería acerca da grandeza da civilização que habitou Palenque, na Espanha os relatos das expedições foram bem recebidos, pois o cronista real, Juan Bautista Muñoz solicitou a Estachería que realizasse mais uma expedição, visando agora encontrar evidências materiais que pudessem ser enviadas para a Espanha e que comprovassem a existência de civilizações avançadas na região ou que ao menos lançassem luz sobre a história da Mesoamérica. Assim, a expedição chefiada pelo capitão Antonio del Río foi montada para atender aos pedidos da Espanha.

Diferentemente de seus antecessores, Antonio del Río, ao chegar, passou um mês limpando a floresta local. Del Río derrubou muros, árvores, casas, edificações, portas e túmulos, nichos, assoalhos, etc. Empreendeu uma verdadeira devastação no sítio. Além disso, também arrancou cabeças e membros de hieróglifos de vários relevos (CAÑIZARES-ESGUERA, 2011). O capitão também realizou algumas escavações *arqueológicas* que visavam encontrar algum tipo de tesouro ou moedas preciosas que explicassem a origem das ruínas. Da mesma forma como os outros, del Río identificou Palenque como construída por romanos.

Enquanto estes exploradores realizavam suas pesquisas em campo, o padre Ordóñez y Aguiar não desistia de tentar relacionar Palenque com a cidade Bíblica de Ofir. Para ele, o

caráter multiétnico das ruínas denotava o quão grande havia sido a cidade, no passado. De acordo com Cañizares-Esguerra (2011), para Ordóñez y Aguiar, traços mouriscos podiam ser encontrados, por exemplo, na torre, que se assemelhava a um minarete. O suposto palácio descrito por Ordóñez y Aguiar era, na verdade, um templo romano, pois localizava-se no alto do céu e continha câmaras subterrâneas. Além disso, Ordóñez y Aguiar também identificava influências hebraicas e egípcias. Utilizando um códice maia tzeltal, conhecido como *Provanza de Votán*, Ordóñez y Aguiar identificava as origens étnicas da cidade, inclusive com migrações hititas (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011).

Outro explorador das ruínas mesoamericanas de Palenque foi Juan Gallindo. Este irlandês de nascimento, porém guatemalteco por naturalização, tinha muitas ambições. Chegou à América em 1827 e conseguiu um emprego como secretário do cônsul inglês na Guatemala. Alguns anos mais tarde viria a se tornar governador de Petén, um posto que lhe permitiu explorar as ruínas de Palenque. Gallindo explorou as ruínas em duas ocasiões: em 1831 e 1834. De acordo com Fagan (1984), Gallindo desejava a glória acadêmica e escrevia relatos de suas incursões nos quais descrevia a arquitetura de Palenque. Após isso, foi nomeado membro de uma comissão que deveria explorar Copán, em Honduras. Nessa ocasião, encontraram praças e pirâmides adornadas com estelas e altares com figuras humanas. Gallindo escavou dentro de uma pequena habitação que descobriu tratar-se de uma câmara funerária. Ali encontrou ossos humanos, peças de cerâmica e uma cabeça de jade em miniatura, além de outros objetos menores (FAGAN, 1984). Gallindo sustentava teorias de que as ruínas de Copán teriam sido o centro das civilizações antigas, o que não contribuiu para atrair admiração popular ou acadêmica à descoberta. As descrições de Gallindo sobre Copán chegaram a ser publicadas na *Literary Gazette* de Londres e em cartas enviadas para a American Antiquarian Society e a Sociedade Geográfica de Paris, mas não causaram nenhuma comoção (FAGAN, 1984).

Além de Gallindo, o francês Jean Waldeck também foi outro explorador de ruínas mesoamericanas. Em 1832 instalou-se na península de Yucatán, numa aldeia próxima às ruínas, onde ele poderia dedicar-se aos estudos de Palenque, além de visitar também as ruínas de Campeche, Uxmal e Chichen Itzá. Durante seus estudos, Waldeck limpou o reboco escurecido pelo tempo e conseguiu identificar figuras gigantescas do palácio, e descobriu cabeças talhadas que acreditou ser de elefantes, pois, para o explorador francês, as cabeças de elefantes comprovavam que os templos haviam sido construídos por imigrantes do velho continente. Sobre isso, Waldeck escreveu:

A influência asiática é facilmente discernível na arquitetura desses monumentos. O símbolo de um elefante ocorre nos cantos arredondados dos edifícios, com a tromba erguida no lado oriental e abaixada no lado ocidental. É decepcionante, entretanto, que não tenham permanecido figuras inteiras; geralmente faltam as pernas [...] em Palenque, [...] encontramos inúmeras janelas altas em forma de *tau* (T) grego (WALDECK, 1973, p. 306 *apud* LANGER, 2001, p. 151).

Percebemos, a partir do relato de Waldeck, que o explorador também é adepto do difusionismo. Evidentemente, as cabeças de elefantes foram objeto de polêmica: alguns acreditavam que se tratava de cabeças de tapir, porém mais tarde elas foram identificadas como dizendo respeito a máscaras do deus da chuva mesoamericano, Tlaloc (FAGAN, 1984). No entanto, o que mais impressiona em Waldeck é sua tentativa de demonstrar que nos desenhos talhados nestas ruínas há elementos que comprovem sua ligação com antigas civilizações já conhecidas. Seus desenhos contêm detalhes irrealistas, mostrando a grande capacidade imaginativa de Waldeck, misturando fantasia e realidade. Um exemplo disso é a sua descrição da cidade de Uxmal, na qual Waldeck reproduziu quatro estátuas que não existiam no local (LANGER, 2001). De acordo com Langer, há uma tentativa de associar essa imagem às representações dos Faraós:

Uma das figuras representa um indígena, segurando cetros ou varas cerimoniais, com as mãos cruzadas na altura do peito. Os ombros sustentam um colete e a cabeça um capacete com plumas laterais. As linhas genéricas das esculturas recordam as estátuas greco-romanas, mas os detalhes apontam para a cultura egípcia: as posições contemplativas dos faraós ostentando objetos sagrados (LANGER, 2001, p. 152).

Além disso, Waldeck também alterou a forma de *glifos* maias, reproduzindo uma cabeça de elefante onde originalmente existiria uma imagem de uma pessoa comum. Essa tentativa de comprovar ligações entre os ameríndios e as civilizações do além-mar denota um olhar etnocêntrico e colonialista de Waldeck para a América. Jean Waldeck não ficou conhecido como o descobridor das ruínas maias, mas sim como um habilidoso artista que as reproduziu, ainda que muitas vezes de maneira fantástica, as estranhas ruínas encontradas na América. Além disso, seu livro, *Voyage archaologique et pittoresque dans la Province de Yucatan*, publicado em Paris no ano de 1838 inspirou a expedição que seria responsável por apresentar ao mundo a grandeza das ruínas maias.

Durante as décadas de 30 e 40 do século XIX a arqueologia maia viveu o seu apogeu. As ruínas fascinavam por terem sido encontradas em meio a uma densa vegetação, parecendo ter sido esquecidas pelo restante do mundo (LANGER, 1996). Fagan aponta que, até então, os exploradores de Copán e Palenque eram exploradores diletantes e que, apesar de seus desenhos habilidosos, como no caso de Waldeck, não foram considerados especialistas, mas chamaram

a atenção de estudiosos europeus e de Nova York (FAGAN, 1984). As florestas americanas ainda apresentavam riquezas inimagináveis que eram desconhecidas dos estrangeiros e que precisavam ser investigadas adequadamente. Diante disso, duas expedições rivais foram organizadas: uma, patrocinada em parte pelo governo dos Estados Unidos⁸, seria a expedição que tornou famosos os desenhos de Frederick Catherwood e de John Lloyd Stephens. É a partir dos desenhos dessa expedição que os maias passaram a ser conhecidos como os *gregos da América*. Outra expedição, talvez menos famosa, foi organizada pelo governo de Honduras, e não teve tanta publicidade quanto a expedição americana. Porém, John Caddy e Patrick Walker, ambos britânicos, foram os primeiros a produzir uma descrição relevante de Palenque (LANGER, 1996).

John Caddy e Patrick Walker chegaram ao sítio arqueológico de Palenque após uma cansativa viagem que durou cerca de dois meses. Após sua chegada, os exploradores dedicaram-se a estudar as ruínas: Caddy passou a desenhar e descrever as estruturas. O sítio de Palenque estava oculto pela densa vegetação e os caminhos para chegar às ruínas estavam bastante obstruídos (FAGAN, 1984, p. 143). Embora Caddy tenha descrito as figuras dos templos e as grandes tábuas de hieróglifos que estavam nos muros, os exploradores ficaram decepcionados com o sítio, pois esperavam se deparar com aparatos magníficos que se comparassem às ruínas gregas ou romanas, mas ainda assim buscavam encontrar analogias europeias que pudessem explicar as origens daquela civilização:

Aquí existió un Pueblo grande, poderoso, que se perfeccionó en el arte, la gran prueba del adelanto em la civilización” – escribió Walker. Concluyó que los edificios, “rigidamente contruidos”, tenían el “carácter despótico” de la arquitectura egipcia, y que Palenque era de “origen egipcio-indostánico (FAGAN, 1984, p. 143).

Após retornarem para Belize, Walker dedicou-se a escrever uma descrição da viagem até o sítio de Palenque, na qual encontraram grandes ruínas construídas por alguma antiga civilização muito avançada. Este relato foi enviado para Londres, juntamente com os desenhos de Caddy. O secretário das colônias britânicas, Lord Russel, passou este documento para a *Royal Geographical Society* que mostrou pouco interesse nos desenhos. Seria a expedição de Catherwood e Stephens que apresentaria para o mundo as ruínas maias.

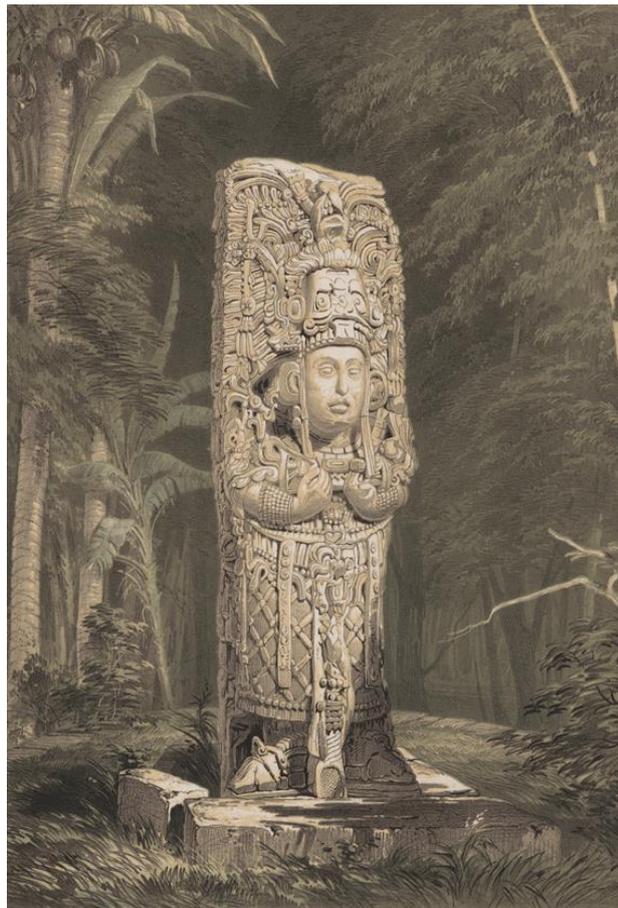
John Lloyd Stephens nasceu nos Estados Unidos e apesar de ser formado em Direito teve seu interesse captado pelas civilizações perdidas após viagens pela Europa e norte da África e Oriente Médio, onde pode conhecer ruínas como as de Petra e as do Egito (FAGAN,

⁸ Como veremos no próximo capítulo, outras expedições, ao longo do século XX também foram patrocinadas pelo governo americano.

1984). Em Londres, Stephens conheceu Frederick Catherwood, arquiteto e pintor que também demonstrava interesse por ruínas de civilizações perdidas. Com esse interesse em comum, os dois decidem embarcar em uma viagem para Belize, onde pretendem explorar as ruínas maias, de que tinham tomado conhecimento a partir da leitura do livro de Waldeck sobre suas explorações na Província de Yucatán.

Em 1839 chegam à primeira cidade a ser explorada, Copán, que parecia ser muito maior do que os exploradores anteriores haviam descrito. Ao se depararem com uma coluna quadrada adornada com diversos rostos ricamente esculpidos e com expressões solenes (hoje essas colunas são conhecidos como estelas maias), Catherwood e Stephens tiveram certeza de que “[...] los pueblos que ocuparon em la antigüedad el continente americano no eran selvajes (*apud* FAGAN, 1984, p. 164). Depois de visitarem Copán, os dois exploradores também visitaram Uxmal e Palenque.

Figura 1- Estela “D”



Fonte: Estela “D”.

Legenda: Gravura de Frederick Catherwood

A viagem dos dois exploradores rendeu um livro, publicado em 1841 por John Stephens, intitulado *Incidents of travel in Central America*. O livro foi ricamente ilustrado por Catherwood e fez enorme sucesso na Europa por relacionar as ruínas maias ao estilo clássico greco-romano. De acordo com Johnni Langer, as cidades perdidas centro-americanas acentuaram o caráter sombrio e misterioso da arqueologia, pois, além de encontrarem-se em meio a uma densa vegetação, essas cidades eram completamente esquecidas pelo mundo ocidental e ninguém sabia nada a respeito de quem as construiu (1996, p. 69). Nas ilustrações de Catherwood das estelas maias há uma combinação entre a natureza selvagem e os vestígios de civilizações passadas, dentro de uma vegetação sombria que esconde os mistérios da história dos homens.

Durante todo o século XIX as descobertas de cidades perdidas, tanto na América e África quanto na Europa e Oriente Médio inspiravam cada vez mais viajantes e exploradores a continuar buscando por outras cidades esquecidas. Muitas vezes, estas buscas também eram guiadas por uma tentativa de descobrir tesouros, escondidos por antigas civilizações. Outras vezes, tais buscas eram motivadas por um desejo de ter o nome de seu descobridor gravado para sempre na História, com todos os louros e méritos por sua descoberta.

Contudo, todas estas expedições possuem algo em comum: colocam as civilizações pré-colombianas como *mortas*: “A imaginação europeia produz objetos arqueológicos por meio da separação dos povos contemporâneos não europeus de seus predecessores pré-coloniais e mesmo coloniais” (PRATT, 1999, p. 232). Isso faz com que os europeus que as resgatam do *esquecimento* (e aqui é importante ressaltar que é um esquecimento e desconhecimento por parte do Ocidente, pois as culturas nativas, descendentes destas civilizações *passadas* jamais as esqueceram), tentam situá-las num tempo distante e glorioso, numa tentativa de *fossilizar o passado* (GOMEZ, 2009) que coloca, dentro da Teoria do Evolucionismo, a civilização ocidental como a mais apta.

Desde o século XV, com Colombo, Pizarro, Raleigh, Humboldt, entre outros exploradores, a América é representada sempre a partir da perspectiva de um homem branco. No século XX, isso não muda, com um observador branco, geralmente do gênero masculino, que com seus olhos imperiais observa as riquezas naturais e domina tudo aquilo que lhe possa ser aproveitado como recursos, sempre pensando no viés mercantil. No próximo capítulo nos deteremos mais demoradamente sobre esta questão, sempre levando em consideração como estes *observadores* projetavam a América do Sul para fora do continente sul-americano.

No início do século XX a descoberta de uma cidade perdida na Cordilheira dos Andes voltou os olhos do mundo para o Peru, um pequeno país latino-americano. Esta expedição, diferentemente daqueles exploradores do XIX, que contavam com desenhistas profissionais – ou mesmo como Humboldt, ele próprio desenhando seus croquis – dispunha de máquinas fotográficas e com o apoio de uma revista que tratou de mediatizar/divulgar a descoberta para o mundo. Da mesma forma como Humboldt reinventou a América para a Europa no século XIX, no século XX, a revista *National Geographic Magazine* inventou uma América do Sul para os Estados Unidos.

3 RUÍNAS, CIDADES PERDIDAS E OSSOS

Em 1802, Alexander von Humboldt visitou a cidade de Cajamarca, onde, em 1533, foi morto Atahualpa, o último Sapa Inca⁹. Nesta ocasião, Humboldt encontrou-se com o filho de um cacique local, Astorpilca, que assegurava ser de descendência incaica. Ele narrou ao naturalista prussiano a suposta existência de tesouros em ruínas ocultas pelas árvores. Afirmou que nem ele, nem seus pais, jamais teriam buscado tais tesouros, o que seria um pecado, já que eles aguardavam a volta dos incas. Acerca deste encontro Humboldt anotou:

Una idea muy difundida y creída firmemente por los nativos es que sería criminal excavar y apropiarse de tesoros que pondrían haber pertenecido a los incas, y que tal proceder le traería calamidades a la raza peruana. Esta idea está cercanamente asociada a la de la restauración de la dinastía Inca, un acontecimiento que todavía es aguardado... Las naciones oprimidas siempre esperan con ansias el día de sua emancipación y la restauración de las viejas formas de gobierno (HUMBOLDT, 1850, p. 411-415 *apud* HEANEY, 2012, p. 30).

No início do século XX, todavia, a crença na existência de ruínas intocadas desde a fuga de Manco Inca e de seus seguidores para a cidade de Vilcabamba, seu último refúgio ante a dominação espanhola, mobilizou uma expedição chefiada por Hiram Bingham. Em 1911, o explorador da universidade de Yale, juntamente com outros especialistas, partiu em busca da mítica cidade. Esta expedição buscava pelas ruínas do sítio que resistiu por 33 anos à dominação colonial e que estaria escondida entre as florestas andinas. A expedição resultou no encontro de um fantástico assentamento inca, mas que não era Vilcabamba. Neste capítulo, pretendemos analisar o livro escrito por Hiram Bingham sobre sua viagem ao Peru e o encontro das ruínas de Machu Picchu, *La ciudad perdida de los Incas*, enquanto uma narrativa de viagem. Para isso, utilizaremos conceitos trazidos por Pratt (1999), tais como: transculturação, anticonquista, além de analisarmos o discurso narrativo de Bingham baseados em Pastor (1988). Além disso, também teceremos uma breve discussão acerca dos discursos construídos acerca de Machu Picchu enquanto uma cidade *perdida*.

3.1 O conquistador moderno

Hiram Bingham III nasceu em Honolulu, no Havaí, em 1875. Filho de Hiram Bingham Junior e de Clara Brewster, descendia¹⁰ de uma família de missionários protestantes. Seu avô,

⁹ Posição do governante do Tawantinsuyu, ou *Império Inca*, que costuma ser traduzido como *Imperador inca*.

Hiram Bingham I, esteve entre os homens que trabalharam na evangelização do Havaí, levando os costumes e vestimentas ocidentais ao povo havaiano. Seu filho, Bingham Jr. seguiu seus passos e era esperado que Bingham III também se tornasse um missionário.

Até os dezesseis anos Bingham viveu com sua família no Havaí. Mas como almejava ingressar em uma universidade, matriculou-se na Phillips Academy, uma escola secundarista preparatória, pois seu sonho era estudar em Yale, assim como seu pai e, de fato, os anos em que esteve nesta prestigiosa instituição transformaram o seu futuro. Era um estudante exemplar, apresentando boas notas, e frequentando assiduamente a biblioteca (HEANEY, 2012). No entanto, à medida que se admirava com liberdade adquirida na universidade, mais se afastava da religião. Em uma carta ao seu pai disse que “[...] ningún ministro tiene la quinta parte de la oportunidad de beneficiar y afectar al mundo con su influencia que la que tiene um profesor” (MILLER, 1982, p. 122-124 *apud* HEANEY, 2012, p. 44).

Com efeito, o futuro de Bingham seria distante dos missionários. O jovem formando queria seguir a carreira acadêmica, mas após graduar-se em Yale, retornou para o Havaí. Após cinco meses morando com seus pais, decidiu abandonar de vez o projeto familiar desenhado para ele. Havia conhecido e se apaixonado por Alfreda Mitchell, herdeira da famosa joalheria *Tiffany* de Nova York. Como Alfreda provinha de uma família riquíssima e ele, por outro lado, de uma família bastante pobre, decidiu melhorar sua condição social para, finalmente, ser digno de esposar a herdeira de tamanha fortuna.

Tendo conseguido emprego numa fazenda açucareira, trabalhou por quatro meses, angariando dinheiro suficiente para poder viajar a San Francisco. Matriculou-se no curso de Mestrado da Universidade da Califórnia, onde estudaria Sociologia. Após o início das aulas, no entanto, Bingham trocou a Sociologia pela História, e concluiu seus estudos com a tese *O surgimento da supremacia estadunidense no Havaí*. A tese agradou ao reitor da universidade que lhe pediu que o substituísse em sala de aula enquanto ele estivesse viajando.

Para seu doutorado, a proposta de Bingham era trabalhar com algo que pudesse unir o passado e o presente dos Estados Unidos. Seu orientador sugeriu-lhe a América Latina. Em geral, os acadêmicos norte-americanos limitavam seus interesses de estudos ao campo dos Estados Unidos ou Europa. Já o orientador de Bingham, Bernard Moses, tinha uma proposta bastante radical nesse sentido: após o fim da guerra Hispano-Americana, conflito travado entre Estados Unidos e Espanha durante a guerra de independência de Cuba, os horizontes de pesquisa foram ampliados. A interferência americana na América Latina necessitava de estudiosos da cultura, geografia e história latino-americanas (HEANEY, 2012). Nesse sentido,

Salvatore (2016) aponta que os estudos acerca da América do Sul durante esse período se deram sob uma *segunda conquista da América*, agora caracterizada como uma *conquista científica*.

Bingham iniciou seus estudos de doutorado em História na Universidade de Harvard, abordando, em sua tese, o fracasso de uma colônia de escoceses em Darién, no Panamá, no século XVII. Naquele momento, a escolha parecia acertada. A política de Theodor Roosevelt (1901-1909) para a América Latina apresentou uma postura de ativa interferência. Na verdade, Roosevelt passou a colocar em prática a doutrina Monroe, que os Estados Unidos já vinham assumindo desde quando desembarcaram tropas em Honduras e na República Dominicana e foram enviados navios de guerra para apoiar a rebelião no Panamá¹¹. Este apoio garantiu aos Estados Unidos o controle do canal do Panamá, além do domínio sobre o comércio na região (HEANEY, 2012).

No entanto, apesar da conjuntura política ser favorável ao campo de estudos que escolheu, Bingham encontrou bastantes dificuldades em Harvard. Em primeiro lugar, seus professores não sabiam como lidar com o interesse do jovem em um campo histórico que julgavam secundário. Além disso, não existiam fontes primárias sobre a América Latina na biblioteca de Harvard para que pudesse terminar sua tese. Outro problema enfrentado foi o idioma: aprender espanhol foi mais difícil do que havia imaginado. (HEANEY, 2012). E quando finalmente terminou seu doutorado, em 1905, não encontrou vagas para professores de História da América Latina, já que as universidades ainda enxergavam este campo como dispensável. Dessa forma, o emprego que conseguiu foi como professor particular na universidade de Princeton.

Apesar disso, Bingham desejava há muito escrever uma biografia de Simón Bolívar, um dos libertadores da América, ou como o chamava, “George Washington da América do Sul” (HEANEY, 2012, p. 51). Tendo esbarrado na falta de fontes primárias nos Estados Unidos, começou a planejar uma viagem para o Caribe, onde visitaria arquivos do Panamá, Colômbia e Venezuela. A ideia de Bingham era refazer a rota que Simón Bolívar havia feito, atravessando a Cordilheira dos Andes, durante a luta independentista.

Enquanto frequentava os seletos clubes de Yale, Bingham conheceu Hamilton Rice, neto do governador de Massachusetts, graduado em Medicina pela Universidade de Harvard e membro da *Royal Geographic Society*. Rice era um legítimo explorador e aventureiro: “[...] había viajado en barca desde las alturas de los Andes em Ecuador hasta los llanos de Brasil” (HEANEY, 2012, p. 54). Mais tarde, ele também seria responsável por fundar um instituto

¹¹ As Guerras das Bananas foram uma série de intervenções que os Estados Unidos praticaram na América Central e Caribe entre os anos de 1898 e 1934.

histórico e geográfico em Harvard. Os dois tornaram-se grandes amigos e planejaram juntos a viagem pela América do Sul.

A viagem com Rice foi a primeira de Bingham pela América do Sul, realizada durante os anos de 1906-1907. Durante os próximos anos ele empreenderia diversas outras viagens ao hemisfério Sul. Uma delas o tornou famoso e célebre pelo resto de sua vida: aquela em que encontrou Machu Picchu, uma cidade Inca em ruínas situada em uma montanha. Embora os detalhes desta expedição tenham sido publicados posteriormente na revista *National Geographic*, uma das patrocinadoras da expedição, numa edição especial em abril de 1913, Bingham, que sempre escrevia diários durante suas viagens exploratórias, aproveitou seus escritos para publicar seus próprios relatos que se tornaram *best sellers*. Neste trabalho, utilizaremos o livro mais famoso de Bingham, intitulado *Lost City of the Incas*, publicado pela primeira vez em 1948 e que trata de suas viagens em busca de Machu Picchu.

É importante ressaltar que Bingham realizou diversas viagens para o Peru. A primeira, entre 1906-1907, rendeu um livro chamado *Across South America*. Em 1911, empreendeu a viagem que o levou até Machu Picchu e que contou com o patrocínio de algumas empresas e com a autorização da Universidade de Yale, chamando-se, assim, *Yale Peruvian Expedition*, ou Expedição Peruana de Yale. As expedições posteriores, de 1912, 1914-1915 chamaram-se, ambas, *Expedição Peruana sob os auspícios da Universidade de Yale e National Geographic Society*. No livro aqui analisado, Bingham descreve momentos de duas das viagens empreendidas, em 1911 e 1912-1913.

3.2 A busca por Machu Picchu

Durante o século XVIII, a Europa levou a cabo um projeto de expansionismo que visava explorar não apenas a costa, mas o interior dos continentes, especialmente a América e a África. Ao longo de praticamente todo o Setecentos e meados do Oitocentos, viajantes europeus esquadriharam estes continentes, observando muito mais do que o relevo, a paisagem e os indígenas. Sob a justificativa da História Natural, estes viajantes passaram a registrar aspectos de determinadas regiões que atenderiam aos interesses imperialistas, no que tange principalmente à posse de terras e recursos. De acordo com Pratt (1999), o conhecimento assim construído “[...] defendeu uma autoridade urbana, letrada e masculina sobre todo o planeta” (PRATT, p. 78, 1999). Esta autoridade justificou, segundo esta autora, uma apropriação do globo por parte da Europa.

Embora Pratt (1999) estivesse se referindo aos inícios do século XIX, defendemos que foi justamente essa autoridade urbana, letrada e masculina que legitimou, também, a expedição de Hiram Bingham, no início do século XX, para o interior do continente sul americano, disposto a encontrar a cidade de Vilcabamba. Enquanto as narrativas de viagens dos séculos XVI e XVII expressavam a busca de riquezas, especialmente ouro e pedras preciosas, além de rotas comerciais, a narrativa de Bingham assemelha-se mais às narrativas dos séculos XVIII e XIX que, nas palavras de Pratt “[...] visavam não a descoberta de novas rotas de comércio, e sim a vigilância territorial, apropriação de recursos e controle administrativo” (PRATT, p. 79, 1999).

A partir de meados do XIX, os Estados Unidos passaram a assumir uma postura para a América Latina que também revelou ambições imperialistas aproximadas àquelas dos europeus sobre amplas porções do continente. Essa atenção à América Latina vinha ao encontro das políticas externas adotadas pelo presidente Theodore Roosevelt de intervenção na política dos países latino-americanos. Do mesmo modo, a viagem de Bingham empreendida conjuntamente com Rice, em 1906-1907, pelo continente sul americano, despertou o interesse nacional, e, a convite do Secretário de Estado dos Estados Unidos, Elihu Root, Bingham foi escolhido para representar o país como delegado no *Primer Congreso Científico Panamericano*, ocorrido em Santiago do Chile em 1908.

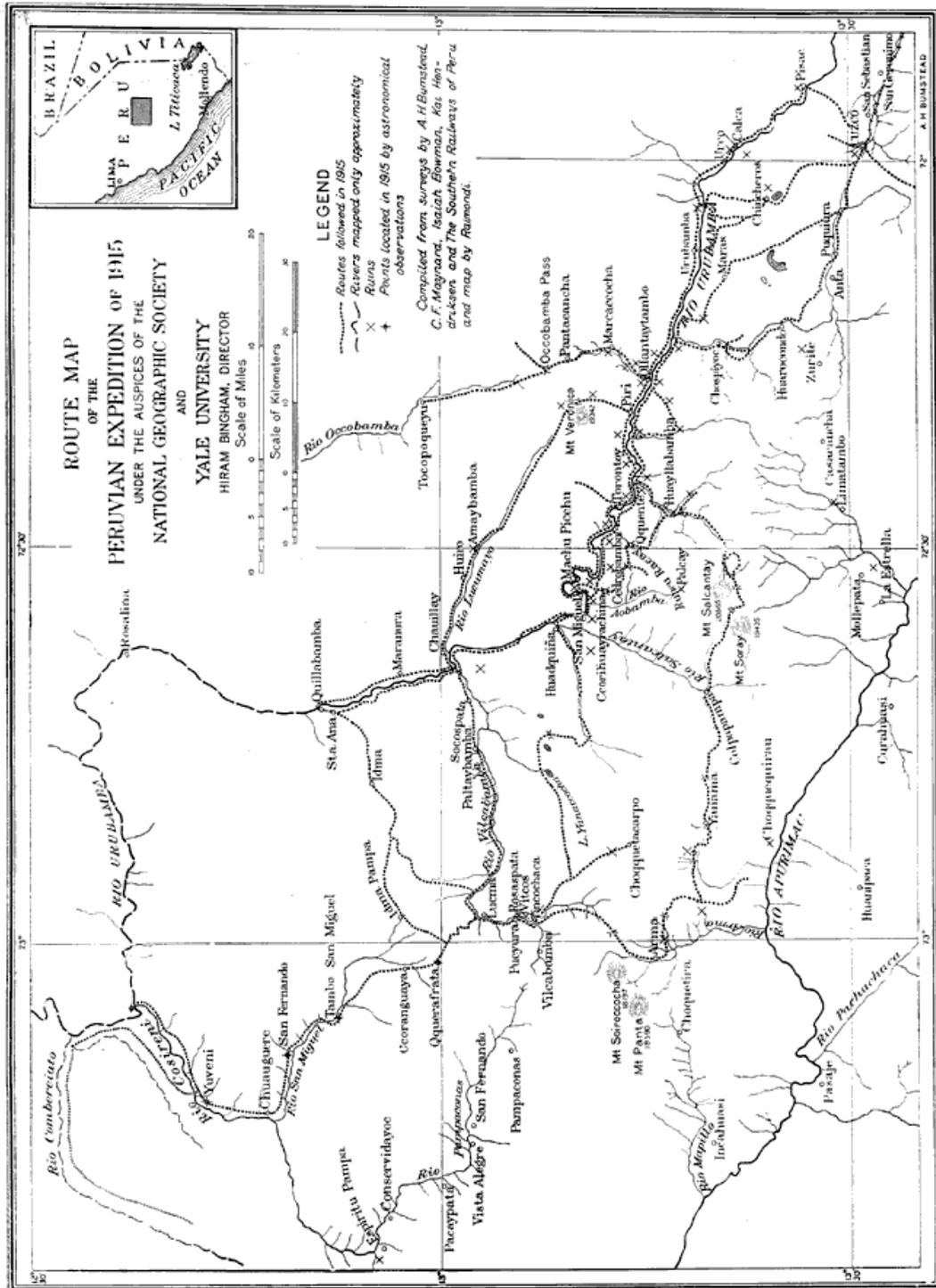
Desse modo, durante suas viagens, Bingham acabou atuando como uma espécie de informante oficial dos Estados Unidos, trazendo notícias relevantes para a política externa do país. O próprio Bingham acaba admitindo essa política: “El secretario Root nos había insistido en la importancia de fomentar la política internacional de buena voluntad, empeñándose por satisfacer en toda forma a los funcionarios de los países que visitáramos (BINGHAM, 2010, p. 92).

Durante sua viagem, Bingham hospeda-se diversas vezes na casa de governadores e prefeitos das cidades que visita no Peru. Como ele mesmo admite “Mis experiencias en Venezuela e Colombia me enseñaron la gran ventaja que significaba para un explorador tener el respaldo del Gobierno” (BINGHAM, 2010, p. 89). É justamente durante sua estadia na casa de J. J. Nuñez, prefeito da cidade de Abancay, na província de Apurímac, que Bingham toma conhecimento das ruínas de Choquequirao¹² que identificou como sendo Vilcabamba. Na ocasião, J. J. Nuñez relatou a Bingham que algumas expedições haviam sido feitas ao local,

¹² Berço de ouro em quíchua.

mas que nenhuma atingiu resultados satisfatórios: era unânime a crença de que lá existiria um tesouro inca.

Figura 2 - Mapa de Hiram Bingham



Fonte: Maps ETC.

Legenda: Mapa de Bingham com a localização das principais ruínas.

Embora inicialmente tivesse recusado a proposta de Nuñez para escavar as ruínas de Choquequirao, Bingham acabou cedendo diante do argumento de que seria o primeiro estrangeiro a prospectar o sítio (HEANEY, 2012). Aceitando o convite do governador da província, Bingham inicia sua busca por Choquequirao, reconhecendo, inclusive, que se não fossem as notícias dadas por J. J. Nuñez, ele talvez nunca teria chegado a Machu Picchu:

Si no hubiera sido por el prefecto Nuñez y su muy práctico interés en Choquequirau, jamás me habría sentido, probablemente, tentado a buscar las ruinas incaicas y a dar así con las dos ciudades que se encontraron sustraídas al conocimiento geográfico durante varios siglos (BINGHAM, 2010, p. 92).

Ironicamente, em seu livro, Bingham não credita o encontro de Machu Picchu aos indígenas que serviram de guias para sua expedição e o levaram até as ruínas. É interessante perceber que há uma mudança de discurso, por parte de Bingham, com relação às ruínas de Machu Picchu: na edição da revista *National*, dedicada a reportar sobre a *descoberta*, Bingham assume que, antes dele, outros já haviam estado ali. Porém, em seu livro, o explorador oculta esta informação. Além disso, tendo formação acadêmica como historiador, Bingham assume seu desconhecimento sobre arqueologia: “La arqueología quedaba fuera de mi campo, y sabía muy poco de los incas, excepto la fascinante historia contada por Prescott em su famosa *Conquista del Perú*” (BINGHAM, 2010, p. 92). Assim, ao encontrar Choquequirao, Bingham admite que utilizou do livro *Sugerencias a los viajeros* publicado pela *Royal Geographical Society*: “En uno de sus capítulos descubrí qué se debía hacer cuando uno se encuentra frente a un sitio prehistórico: tomar cuidadosas mediciones, muchas fotografías y describir tan acuciosamente como sea posible los hallazgos” (BINGHAM, 2010, p. 103). No entanto, o sítio de Choquequirao, apesar de ser importante arqueologicamente, não era Machu Picchu, nem Vilcabamba, ambos encontrados posteriormente.

Ao longo de todo o livro, Bingham toma para si o feito de ter encontrado Machu Picchu. No prefácio, descreve que as “[...] ruinas tomaron entonces el nombre de la montaña, porque cuando las encontramos, nadie sabía como llamarlas” (BINGHAM, 2010, p. 2). Nesse sentido, é interessante refletir que o ato de nomear determinado local pode ser interpretado como *conquistá-lo*. Gómez (2009) afirma que a obsessão de nomear por parte de Bingham, demonstra uma postura de conquistador. Dessa forma, ao nomear as ruínas arqueológicas, o americano denota uma atitude de tomar posse e esquecer um passado anterior à conquista, ou, neste caso,

à *descoberta*¹³. Ao finalizar seu prefácio, deixa claro que foi quem, dentre inúmeros outros exploradores, obteve a sorte de encontrar as ruínas.

Esta autorrepresentação de Bingham como desconhecedor de arqueologia ao mesmo tempo em que aceita procurar as ruínas de Choquequirao, demonstra a postura que Pratt (1999) chamou de *anticonquista*. Anticonquista porque recorre às estratégias utilizadas pelos burgueses europeus para afirmarem uma busca desinteressada ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia europeia (PRATT, 1999). Desse modo, mesmo assumindo que a arqueologia não era seu campo ou que não saberia como proceder em um sítio de escavação, Bingham aceita o convite feito por Nuñez, adotando uma postura de *homem da ciência*, aquela mesma autoridade científica masculina apontada por Pratt (1999) nos viajantes do Setecentos. Christopher Heaney (2012) e Amy Cox Hall (2020), assinalam algo curioso: embora Bingham admita não ser arqueólogo, ele requisita para si essa posição, não aceitando a presença de nenhum outro arqueólogo na expedição¹⁴.

Segundo Pratt (1999), a anticonquista caracteriza-se por um processo de dominação que parte de uma autoridade científica, técnica. Isso significa que estes viajantes, tanto dos séculos XVIII e XIX, quanto do século XX, apoiavam seu projeto de conquista e dominação numa justificativa científica. Seria justo que os europeus – no século XVIII-XIX – e os norte-americanos – no XX – dominassem áreas consideradas atrasadas, como a África e a América Latina. Isso vai ao encontro do que Salvatore (2016) baliza: no início do século XX a América do Sul era um laboratório a céu aberto. Tudo poderia ser analisado, estudado pela civilização, tudo era motivo para ser examinado, investigado, explorado. É isso que acontece, por exemplo, com o Peru após a expedição de Bingham.

3.2.1 O discurso do fracasso diante do sucesso

Ao relatar, em seu livro, o oportuno encontro de Machu Picchu, é pertinente notar que Bingham declara estar sozinho, sem a presença de seus companheiros de expedição. Acompanhava-o um morador da região, que conhecia as ruínas, e que havia sido contratado – ou intimado – por Cáceres a colaborar com a expedição, chamado Arteaga, além do próprio Cáceres. Assim, apenas o trio dirigiu-se montanha acima:

¹³ Também Stephen Greenblatt, autor de *Possessões Maravilhosas* (1996), discute a posse das Antilhas por parte de Colombo em suas ações discursivas, ou seja, nomear, fazer um discurso que tomou aquelas ilhas como agora pertencentes à Coroa Espanhola.

¹⁴ A partir da análise das correspondências de Bingham, Christopher Heaney (2012) aponta que o arqueólogo peruano Julio César Tello havia solicitado ao americano que pudesse participar das expedições, mas que não obteve resposta por parte de Bingham.

Nadie supuso que serían especialmente interesantes, ni tampoco alguno mostró interés en acompañarme. El naturalista dijo que había... “¡más mariposas cerca del río!” y que tenía la razonable certeza de poder coleccionar algunas nuevas variedades. El cirujano declaró que iba a lavar y remendar su ropa. En todo caso, era mi trabajo investigar cualquier informe sobre ruinas y tratar de encontrar la capital incaica (BINGHAM, 2010, p. 159).

Dessa forma, novamente percebemos que Bingham concede para si todo o crédito por encontrar Machu Picchu, não dividindo o feito nem mesmo com seus companheiros de expedição. De acordo com Gómez (2009), há, no comentário de Bingham um tom debochado, com relação aos seus companheiros que, em vez de acompanhá-lo até as ruínas, preferiram dedicar-se, segundo ele, a atividades *mais femininas*. Contudo, a autora, citando Alfred Bingham, sobrinho e biógrafo do explorador, esclarece que, apesar do comentário depreciativo sobre Foote, durante as seis semanas que duraram a expedição “[...] el naturalista pudo recoger material necesario para producir la misma cantidad de trabajos en revistas científicas que todos los otros miembros de la expedición juntos (BINGHAM 1989, *apud* GÓMEZ, 2009, p. 181).

Assim como nas imagens que analisaremos no terceiro capítulo deste trabalho, também percebemos, na narrativa de Bingham, o tom heroico que o explorador credits aos seus feitos. Isso difere bastante do que Pratt (1999) propõe para os viajantes naturalistas do século XIX. De acordo com Pratt (1999), a criação de um sistema da natureza, no século XVIII, é um gesto abstrato, não heroico. Para a autora, os viajantes naturalistas do século XVIII e XIX diferem-se bastante dos conquistadores e navegadores pois “[...] o coletor-naturalista é uma figura benigna, frequentemente simpática, cujos poderes de transformação se limitam aos contextos domésticos do jardim ou da sala de coleção” (PRATT, 1999, p. 69).

Como discutimos anteriormente, embora em muitos momentos de sua narrativa Hiram Bingham assemelhe-se às narrativas do Setecentos e Oitocentos, há um ponto destoante: enquanto aqueles viajantes não se situam dentro de suas narrativas, chegando Pratt (1999) a dizer que “[...] os protagonistas europeus excluem-se de sua própria história (PRATT, 1999, p. 111), Bingham enaltece a si, e à expedição, pelas dificuldades que devem passar, até, por fim, chegar ao seu destino: Machu Picchu.

Ao lermos o relato de Bingham conseguimos traçar um paralelo entre este relato a àquilo que Pastor (1988) chamou para os relatos produzidos nos primeiros anos de conquista, o *Discurso narrativo do fracasso*: trata-se, de um discurso que “[...] reivindicava el valor del infortunio y el mérito del sufrimiento” (PASTOR, 1988, p. 191). Assim, analisando as crônicas escritas por exploradores e conquistadores, a autora percebeu que, nestes relatos do fracasso, em vez do encontro de cidades maravilhosas ou de riquezas, o que prevalece nestas narrativas

é a impotência do homem diante da natureza hostil americana ainda que o explorador consiga sobreviver a ela. Embora a narrativa de Bingham tenha conseguido atingir, em partes, seu objetivo, as semelhanças entre os discursos são evidentes. Pastor (1988) elenca alguns elementos que fazem parte do *discurso do fracasso* e que conseguimos perceber na narrativa de Bingham.

O primeiro elemento que a autora elenca é a presença de um objetivo mítico. Assim, exploradores, no século XVI, buscarão pela Fonte da Juventude, o Paititi ou pelas Sete Cidades de Cíbola. Hiram Bingham busca, inicialmente, por Vilcabamba; segundo ele, não havia relatos da cidade deste o século XVI, o que acabou se revelando uma inverdade¹⁵. No entanto, em sua narrativa, o explorador coloca Machu Picchu como um objetivo mítico; apesar de as ruínas serem reais, Bingham apresenta sua *descoberta* enquanto um grande feito, uma jornada épica, uma coincidência que não poderia ter ocorrido, se não por ele.

De acordo com Pastor (1988), outro elemento principal do discurso do fracasso é a luta entre natureza e homem e a impotência deste diante de um ambiente completamente desconhecido. Assim, a autora dirá que em escritos deste tipo há “La descripción de la naturaleza como fuerza hostil y todo-poderosa, y la narración y como servicio merecedor de merced y recompensa, ya que no de gloria y fama [...]” (PASTOR, 1988, p. 193). Assim, em diversas passagens de sua narrativa Bingham explorará a natureza como uma adversária da expedição, a qual deve ser transposta, superada, para conseguir atingir seus objetivos:

Por lo demás, febrero es el peor mes para explorar las altiplanicies donde florecieron los incas. Las lluvias comienzan en noviembre y continúan hasta muy avanzado abril. Aquel particular febrero resultó ser “el mes más lluvioso de de la más lluviosa estación” que nadie recordara haber pasado em el Perú durante un cuarto de siglo; así es que encontramos los caminos montañosos em las peores condiciones (BINGHAM, 2010, p. 90).

Notamos aqui o quanto Bingham enfatiza a dificuldade que ele e sua equipe enfrentaram para conseguir encontrar Machu Picchu. Em outro momento, a *natureza hostil* é caracterizada pelos animais peçonhentos, como quando, subindo o cerro de Machu Picchu, Bingham relata ser aquela uma região de víboras e que uma das mais comuns, chamada de *fer-de-lance* é capaz de “[...] dar saltos considerables cuando persigue a su víctima, es corriente en la región” (BINGHAM, 2010, p. 159). Outro elemento bastante presente na narrativa do norte-americano são os rios e o quanto eles são, muitas vezes, quase intransponíveis. Em diversos momentos

¹⁵ De acordo com Rowe (1990), Machu Picchu era conhecida pelos espanhóis do século XVI, sendo mencionada, inclusive em crônicas, como as do Conde de Nieva de 1562.

Bingham descreve como os rios, especialmente o Urubamba, são caudalosos e suas correntes rápidas, o que não daria chance de salvamento:

Aquí había un puente primitivo que cruzaba la corriente rugidora en su parte más angosta em donde el arroyo se veía obligado a deslizarse entre dos grandes peñascos. El puente estava hecho de media docena de troncos muy débiles, algunos de los cuales no tenían longitude suficiente para abarcar la distancia entre los dos apoyos, ¡por lo cual habían sido calzados y unidos com lianas! Arteaga y el sargento se sacaron los zapatos y se arrastraron cautamente, empleando los dedos hasta ciertos puntos prehensibles, para evitar resbalarse. Nadie sobreviviria un instante en la gélida corriente, ya que se habría despedazado inmediatamente contra las rocas (BINGHAM, 2010, p. 159).

Para Pastor (1988), o discurso narrativo do fracasso está presente desde os relatos de Colombo e de Cortés. Segundo a autora, há uma mudança na maneira com que os exploradores passam a definir a natureza americana. Se antes ela era cheia de surpresas por descobrir, agora a natureza era “[...] como suma de fuerzas violentas, incontrolables, hostiles y destructoras” (PASTOR, 1988, p. 192). Da mesma forma, a narrativa de Bingham varia entre a natureza no seu estado mais primitivo e cálido, como também no seu estado mais violento e hostil:

El escenario es ahora magnífico; las grandes montañas verdes se apiñan unas sobre otras. Sus precipitadas laderas están surcadas por muchas hermosas caídas de agua, y grandes papagayos verdes sobre nuestras cabezas y amarillentos irs a nuestros pies prestan colorido adicional al paisaje. Para completar nuestro deleite, el sol brilló durante todo el día (BINGHA, 2010, p. 95).

Nesta passagem conseguimos ver a mudança de tom sobre a natureza do Peru. Se antes ela é apresentada como úmida, fria, com rios caudalosos e correntes violentas, agora a paisagem é de tons coloridos, de montanhas verdes com quedas d’água. Em outro momento de sua viagem, Bingham compara o caminho por qual percorre com sua terra natal no Havaí:

El sendero corre por una tierra de incomparable encanto. Tiene la majestad grandiosa de las Rocallosas canadienses, así como la sorprendente belleza del Nuuanu Pali, cerca de Honolulu, y la deliciosa vista del Koolau del Maui, mi tierra nativa. En la variedad de su hermosura y en el poder de su hechizo no conozco otro sitio en el mundo que se le pueda comparar. No sólo posee grandes picos nevados que asoman por encima de las nubes a más de de dos millas de altura, precipicios gigantescos de granito multicolor que ascienden a miles de pies sobre la corriente espumante y rugiente, sino que también ofrece en sorprendente constraste orquídeas y barreras de árboles, la deleitosa belleza de ua lujuriente vegetación y la misteriosa brujería de la selva (BINGHAM, 2010, p. 157).

Nestes momentos, Bingham surpreende seus leitores trazendo referências positivas à paisagem latino-americana. Como veremos no capítulo seguinte, o referencial tanto pictórico quanto teórico da América Latina era sempre bastante negativo. Assim, comparando a paisagem

andina às paisagens havaianas e canadenses, Bingham repete aquilo que Humboldt fez, no século XIX, para a Europa, formulando imagens positivas sobre a natureza latino-americana. Essa valorização, segundo Pastor (1988), estava, muitas vezes, subordinada a um fim econômico: “Para Colón, el paisaje solía ser pieza de identificación con los modelos imaginarios o signo del valor mercantil de las tierras descubiertas” (PASTOR, 1988, p. 203). Para Bingham, talvez, o valor foi encontrar as ruínas de Machu Picchu, que se transformaram, pelos olhos da National e do explorador, numa descoberta majestosa.

Outro elemento presente no discurso narrativo do fracasso, segundo Pastor (1988), é a *dificuldade de comunicar*. Para a autora “La percepción objetiva de la realidad americana se ve acompañada por la toma de conciencia de *la diferencia* y de la imposibilidad de comunicar los aspectos de esa realidad nueva [...]” (PASTOR, 1988, p. 197). No entanto, Bingham possuía um instrumento que os exploradores do século XVI não tinham: a câmera fotográfica. Como veremos no terceiro capítulo, as imagens veiculadas na revista *National* eram tomadas como reais por serem consideradas neutras, imparciais. Assim, a dificuldade de comunicar e significar a realidade americana foi superada, no século XX, pelas fotografias de Bingham.

3.2.2 O olhar imperial de Bingham

Apesar de J. J. Nuñez estar mais preocupado com os tesouros que supostamente Choquequirao esconderia, Heaney (2012) menciona que Bingham demonstrou muito mais interesse no que se revelara como o verdadeiro tesouro do lugar: múmias. Com efeito, durante toda a segunda metade do século XIX, acadêmicos norte-americanos e europeus construíram coleções de esqueletos de nativos para que pudessem comparar com os dos brancos, no que ficou conhecido como racismo científico. Assim, de posse de crânios, os estudiosos se perguntavam se os europeus eram superiores, ou buscavam estimar quanto tempo os indígenas viviam na América antes da chegada dos europeus: “Los académicos creían que si tan solo se pudieran encontrar los cráneos apropiados en el contexto apropiado, podrían determinar la antigüedad del hombre en América” (HEANEY, 2012, p. 84). Assim, nos sítios os quais escavou, incluindo Machu Picchu, Bingham retirou esqueletos e restos mortais, além de outros objetos, para levá-los para os Estados Unidos.

O que o explorador faz, então, ao levar estes esqueletos, é justamente o que seu *Sugerencias a los viajeros* aconselha: “Cuándo sea práctico, esqueletos, y especialmente cráneos, de los nativos deberían ser enviados a la civilización para ser examinados con precisión” (ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY, 1893, p. 421 *apud* HEANEY, 2012, p. 84).

Os crânios que o explorador retirou destes sítios seriam usados em suas aulas e, posteriormente, doados ao museu *Peabody* de Yale.

Ao narrar como os indígenas reagiram frente às escavações em Choquequirao e ao perceber com eles estavam assustados, Bingham descreve:

Los indios portadores y los trabajadores quichuas observaban con interés nuestras operaciones, pero se sintieron positivamente asustados cuando comenzamos a medir y examinar cuidadosamente los huesos. Habían tenidos dudas sobre el objeto de nuestra expedición hasta el momento, pero ahora las vacilaciones se desvanecían, y decidieron que habíamos venido a ponernos en comunicación con los espíritus de los incas defuntos (BINGHAM, 2010, p.107-108).

Essa passagem evidencia o desdém com o qual Bingham se refere aos indígenas e denota seu desprezo. O americano apenas deduz que os indígenas não são capazes de entender os métodos científicos – medir, examinar – e supõe que eles possam imaginar se tratar de algo místico. Bingham, em que pese sua formação, não se preocupa em entender a importância daquelas múmias para a comunidade indígena local, descendente de incas. Como nos séculos passados, as “vozes indígenas quase nunca são citadas, reproduzidas ou mesmo inventadas nestes escritos” (PRATT, 1999, p. 101). Bingham se sustenta na sua autoridade de *homem da ciência* e se apropria de algo culturalmente indígena – as múmias – que transforma em objeto de estudo.

Outro exemplo disso é o fato de Bingham omitir ou não incluir os indígenas como guias. Uma das poucas vezes em que relata a presença de indígenas na região a ser explorada, ocorre apenas para justificar a companhia de soldados para escoltar a expedição: “Tenía [J. J. Nuñez] posiblemente temor de que los delegados pudiesen sentir hambre en otra forma, en las aldeas, en donde *quichuas inhóspitos y desnutridos* contestaran que no tenían alimento disponible” (BINGHAM, 2010, p. 92-93, grifo nosso). Os adjetivos utilizados por Bingham denotam a visão pejorativa que os americanos possuíam da América do Sul. No terceiro capítulo nos aprofundaremos nesta questão, no entanto, podemos adiantar que, desde fins do século XIX e início do XX, os estadunidenses construíram uma imagem dos latino-americanos baseada em seu preconceito, tendo sido os indígenas representados como incivilizados, selvagens e primitivos. No entanto, posteriormente, em seu relato, Bingham informa que essa escolta falava quíchua, justificando sua importância.

Em outro momento, Bingham relata que, enquanto os membros da expedição davam sinais de fadiga, “Nuestros pacientes y sufridos cargadores quichuas, descendientes de uma raza que tiene la costumbre de caminar grandes distancias en estas alturas, llevaban nuestras cargas muy alegremente” (BINGHAM, 2010, p. 101). Aqui novamente percebemos que o explorador

não se importa em saber aquilo que os indígenas estão pensando. Ele *presume* que eles não estão cansados. Sobre essa passagem, Heaney (2012) comenta que Bingham anotou em seu diário que estes carregadores indígenas foram recrutados por um soldado que acompanhava a expedição, de apelido Cáceres, que lhes pagava uma miséria e ameaçava levá-los presos caso se negassem a carregar os pertences da expedição (HEANEY, 2012). No entanto, nada disso é comentado no livro de Bingham, reforçando esta invisibilidade indígena.

Isso fica evidente quando a expedição chega a uma cidade abandonada, que segundo Bingham seria Patallacta, no vale do rio Urubamba. Ao questionarem-se sobre o porquê de a cidade encontrar-se abandonada, Bingham diz ser impossível saber com precisão, apenas conjecturar:

Em qué fecha florescieron estas ciudades y aldeas, quién las construyó, por qué fueron abandonadas, son preguntas para las cuales todavía no tenemos respuesta; y los indios que viven en el alrededores ingoran su historia o guardan silencio sobre ella (BINGHAM, 2010, p. 117).

Ao lermos esta passagem, fazemos as seguintes reflexões: será que os indígenas realmente ignoravam este passado? Ou será que Bingham não cogita perguntar? Como no livro Bingham não relata ter perguntado aos guias nem aos moradores locais, podemos concluir que ele presumiu que eles ignoravam sua história, ou guardavam segredo sobre ela. Essa interpretação revela a forma como Bingham, e boa parte do Ocidente, enxergava os indígenas: seres sem história, ignorantes de seu passado.

Segundo Gómez (2009), o silenciamento de mulheres e indígenas contemporâneos aos relatos de Bingham fazem parte desta interpretação de cultura como *fossilizada*. Para o explorador, as culturas andinas, a *raza desaparecida*, como ele se refere, bem como as ruínas de Machu Picchu, só teriam sentido num passado remoto, glorioso – como o de Vilcabamba e da resistência Inca – mas completamente descolado da atualidade (GÓMEZ, 2009). Além disso, há, também, o fator cultural: por entender-se como um *cientista*, Bingham não cogita questionar aos indígenas, vistos como inferiores culturalmente, sobre estas questões.

Ao falar sobre a arquitetura incaica, Bingham novamente desconhece, ou não registra, dados de conhecimento local. Importa perceber que ele tende a comparar os incas a outras civilizações, esperando que assim que os andinos estivessem entre as principais antigas civilizações. Tomemos, por exemplo, o tópico sobre a arquitetura incaica. Ao mesmo tempo em que ele se impressiona com a grandiosidade das construções, ele as compara com as pirâmides egípcias, por exemplo:

En la ciudad del Cuzco, así como en otras conocidas poblaciones incaicas, los muros de templos y palacios no son perpendiculares al suelo, sino que se inclinan ligeramente hacia dentro. Pertencen a lo que se há llamado de estilo egípcio, más angostos en la parte superior que en la base (BINGHAM, 2010, p. 11).

Ao denominar as construções andinas de *estilo egípcio*, Bingham supõe que os incas nada construíram, antes sim copiaram, de alguma forma, um estilo arquitetônico inventado pelos egípcios. No primeiro capítulo deste trabalho comentamos sobre as teorias difusionistas. Da mesma forma, Bingham não acredita que os incas fossem capazes de inventar seu próprio estilo arquitetônico que atendesse às suas necessidades.

De acordo com Gómez (2009), o estilo egípcio citado por Bingham evidencia a formação do autor, a partir das descobertas arqueológicas do Oriente:

El “estilo egípcio” con los muros no perpendiculares al suelo sino inclinados hacia adentro es traído a colación para hacer “visible” una característica específica de las ruinas incas. Bingham no se pregunta sobre el porqué de este tipo de construcción, ni tampoco se interesa en saber si en la actualidad hay muestras parecidas. Toda respuesta parece estar dada en la comparación con los pueblos de la Antigüedad ya conocidos (GÓMEZ, 2009, p. 198).

Para comparar com Bingham, a autora traz um estudo realizado por Arthur Posnansky que, em vez de chamar de estilo egípcio, como Bingham, chama este estilo de construções de estilo cusquenho. Este estudo versa sobre especificamente a pedra de estilo “engastado”:

El autor explica que estas piedras, con las caras de los sillares que se tocan unas con otras, no eran pulidas ni bruñidas para lograr ‘un matemático contacto’, sino que eran labradas con un instrumento puntiagudo de percusión, de 25 cm de largo y 5 de grosor (GÓMEZ, 2009, p. 198).

O trabalho de Posnansky difere de Bingham especificamente porque o primeiro propõe-se a dar explicações locais, baseando-se em teorias antropológicas: “Para Posnansky, el estilo cuzqueño busca una diferenciación con el estilo rectangular del Tiahuanaco, propiamente aymara, como forma manifiesta de la conquista y superioridad inca o quechua sobre la aymara” (GÓMEZ, 2009, p. 198). Além, disso, para completar seu estudo, Posnansky recorre a lendas locais para ilustrar e embasar sua teoria de disputas arquitetônicas como mostra de dominação de uma cultura sobre a outra (GÓMEZ, 2009).

O que percebemos no discurso de Bingham acerca da arquitetura andina é aquele *olhar imperial* que nos fala Pratt (1999): a resistência em ouvir o outro, em conhecer. O olhar comparativo entre culturas, seja entre culturas ocidentais, ou entre outras culturas ameríndias, é perceptível ao lermos a descrição de Bingham sobre a cerâmica:

A diferencia de la cerámica primitiva de las tribus índias de la cuenca amazónica y em muchas otras partes de América, la cerámica inca proporciona pruebas abundantes, tanto em su simetría y finas proporciones como em su acabado, de que los fabricantes eran los herederos de una cultura de miles de años y del amor y la beleza (BINGHAM, 2010, p. 26).

Este comentário enaltecendo a cerâmica incaica em detrimento da cerâmica produzida pelos indígenas da Amazônia demonstra, em primeiro lugar, o desconhecimento das cerâmicas produzidas nas *terras baixas* ao mesmo tempo que reforça comparações entre os povos indígenas americanos. Aqueles grandiosos como incas, maias e astecas mereciam respeito, enquanto os outros, incapazes de construir grandes monumentos ou sociedades organizadas (aos olhos ocidentais), não eram dignas de reconhecimento, justificando a colonização.

Ainda sobre a cerâmica, Bingham tece comentários que comparam as cerâmicas encontradas no Peru com a do Mediterrâneo por exemplo: “El dibujo de barras y cruces dobles que se ve con frecuencia en las asas de la cerámica incaica en una clara imitación de la antigua cestería y se deriva de la forma más fácil de fabricar agarraderos” (BINGHAM, 2010, p. 27). O que se percebe no autor é que, embora espantado com a magnitude da civilização Inca, Bingham ainda precisa encontrar um referencial europeu:

En muchos museos se presta poca atención a la cerámica incaica, en parte porque resulta escassa y en parte porque su forma graciosa y simétrica no es única, sino casi la reminiscencia de las formas clásicas descubiertas en el Mediterráneo. Algunos de los jarros de doble asa son casi idénticos a los descubiertos en la antigua Troya. Otros recuerdan la formas griegas (BINGHAM, 2010, p. 27).

Como dissemos, essa comparação entre culturas, como no caso a andina e a mediterrânea, tem como objetivo buscar um *referencial* ocidental – europeu ou estadunidense – para essas culturas afastadas do ocidente. Em seu livro *Orientalismo*, Edward Said discute, como o próprio subtítulo diz, sobre a invenção do Oriente pelo Ocidente. Para este autor, o Oriente é abstraído e entendido a partir do olhar ocidental, carregado de preconceitos e estereótipos. Do mesmo modo, o que Bingham faz, através de seus livros e, principalmente através da fotografia, é criar um imaginário sobre o Peru, os peruanos e Machu Picchu. Nas palavras de Edward Said:

Pois, se é verdade que nenhuma produção de conhecimento nas ciências humanas jamais pode ignorar ou negar o envolvimento de seu autor como sujeito humano nas próprias circunstâncias, deve ser também verdade que, quando um europeu ou um americano estuda o Oriente, não pode haver negação das principais circunstâncias de *sua* realidade: ele se aproxima do Oriente primeiro como um europeu ou um americano, em segundo lugar como um indivíduo. E ser um americano ou europeu não é absolutamente um fato irrelevante. Significa estar consciente, ainda que

obscuramente de pertencer a uma potência com interesses definidos no Oriente [...] (SAID, 2007, p. 39-40).

Portanto, nessa passagem Edward Said reforça o aquilo que Pratt afirma sobre as culturas hegemônicas que dominam, através da “anticonquista”, culturas consideradas atrasadas. Os relatos de Bingham e suas fotografias, criaram uma *ideia* sobre o Peru, um *imaginário* sobre Machu Picchu e os indígenas locais. Um exemplo disso é o fato de que Machu Picchu nunca esteve de fato *perdida*. Muitas pessoas sabiam da existência de ruínas naquela região.

Segundo Pease (2005), Bingham não foi, definitivamente, o primeiro branco a pôr os pés em Machu Picchu. De acordo com fontes que a autora apresenta, desde meados do século XIX, viajantes estrangeiros e historiadores peruanos sabiam da existência de ruínas próximas ao vale do rio Urubamba. Em 1834, por exemplo, um viajante francês, Eugene de Sartiges, esteve nas ruínas, levado por guias indígenas, e apresentou Machu Picchu como Vilcabamba. Outro indício de que as autoridades peruanas sabiam da existência de Machu Picchu é apontado por Pease (2005) ao comentar que o presidente do Instituto Histórico do Peru, Eugenio Larrabure y Unanue, pede a Carlos A. Romero, que trabalhava na Biblioteca Nacional do Peru, informações sobre as ruínas de Choquequirao. De acordo com Pease, este informe foi solicitado especialmente para Bingham e sua comitiva (2005, p. 201).

Ainda no século XIX, Augusto Berns, um alemão que trabalhava para Ferrovias do Sul do Peru, esteve em Machu Picchu, no ano de 1867. Na época, ele teria saqueado as ruínas, com apoio do governo peruano: “Por la R.S. del 16 de junio de 1887, el súbdito alemán Berns se asoció con el Estado Peruano – representado por el gobierno de Andrés A. Cáceres – para extraer ‘antigüedades incásicas’ de las huacas y construcciones gentilicias del departamento del Cuzco y exportarlas a Alemania” (Pease, 2005, p. 203). Para a autora, o fato de Machu Picchu ser conhecida como *Huaca del Indio* advém desses saques efetuados por Berns. Além dele, em 1874, outro alemão, o engenheiro J. M. von Hassel, esteve no sitio arqueológico cartografando a área.

O próprio Bingham admite, no seu informe à revista *National Geographic* em 1913, que ele não havia sido o primeiro a chegar nas ruínas. Em uma pedra encontrou, por exemplo, o nome *Augustín Lizzáraga*, e a data de 1902. Em seu diário de campo, Bingham credita o descobrimento de Machu Picchu a Lizzáraga “Este lugar descubierto en 1902 por Lizárraga. La gente ha vivido aquí cuatro años, sembraba algodón y hortalizas y ruinas sobre andenes [...]” (BINGHAM *apud* HALL, 2020, local. 528). Contudo, ao longo do tempo, Bingham passa a reclamar para si a descoberta de Machu Picchu:

Supongo que en el mismo sentido que tiene la palabra utilizada en la expresión "Colón descubrió América" es justo decir que yo descubrí Machu Picchu. Los pescadores noruegos y franceses indudablemente visitaron la América del Norte bastante antes que Colón cruzara el Atlántico. Del otro lado fue Colón quién dio a conocer América al mundo civilizado. En ese mismo sentido yo "descubrí" Machu Picchu, ya que antes de mi visita e informe no era conocida por las sociedades de geografía e historia del Perú, ni por el gobierno del Perú. Había sido visitada por unos cuantos indios y mestizos y posiblemente por un europeo" (BINGHAM, 1986, p. 26 *apud* PEASE, 2005, p. 203).

É importante ressaltar que, quando da chegada de Bingham, a região das ruínas era utilizada como local de cultivo e pastoreio para indígenas da região e que os próprios guias de Bingham já conheciam as ruínas. Hall (2020) atenta para outro ponto relevante: a questão sobre a descoberta de Machu Picchu gira sempre num debate acerca de homens brancos: “El mito racializado del descubrimiento continúa sin mayor contextualización de los individuos, redes e infraestructura que facilitaron las expediciones peruanas de Yale” (2020, local. 561). Para a autora, a tentativa de encontrar um *descobridor* para a cidade de Machu Picchu perpetua a ideia de que esta alguma vez esteve *perdida* e faz parte de um discurso imperialista que exclui de toda forma as populações indígenas que viviam próximas às ruínas e que “[...] tenían su propia red de imaginarios, significados y propósitos para la zona” (HALL, 2020, local. 580).

Embora Hiram Bingham não tenha sido o descobridor de Machu Picchu, é inegável que suas fotografias foram essenciais na divulgação das ruínas e que a imagem do americano tenha ficado associada à cidade. A revista *National Geographic Magazine* dedicou a edição de abril de 1913 completamente para os resultados da expedição e as mais de 240 fotografias ocuparam local de destaque nas páginas da revista. Apesar de Bingham não ter sido o primeiro homem branco a chegar ao sítio, suas fotografias contribuíram para a construção de um imaginário acerca, tanto de Machu Picchu quanto do Peru e de seus habitantes. No próximo capítulo, analisaremos algumas destas fotografias.

4 FOTOGRAFIA E IMPERIALISMO

Assim como os croquis de Alexander von Humboldt mostraram para a Europa uma nova visão da América, do mesmo modo as fotografias de Hiram Bingham, publicadas na edição de abril de 1913 da *National Geographic Magazine*, evidenciaram as ruínas de Machu Picchu e ajudaram a criar um imaginário sobre o Peru e sua população. Contudo, além das notícias da descoberta de Machu Picchu terem projetado para o mundo a figura de Hiram Bingham, as fotografias presentes na edição de abril de 1913 da revista *National* reforçaram o estereótipo negativo que os estadunidenses já possuíam da América Latina, mostrando o Peru como um país atrasado, pobre e agrícola. Neste capítulo analisaremos algumas das fotografias publicadas na revista *National* quando da ocasião da descoberta de Machu Picchu, tendo algumas delas ilustrado o livro *La Ciudad perdida de los Incas*. O objetivo deste capítulo é perceber qual o discurso presente nestas fotografias e quais as narrativas que elas contam, a partir de autores como Baitz (2004; 2005), Ferres Junior (2005), Gómez (2009) e Kossoy (2014). Finalmente, intentaremos um breve cotejo entre o texto de *La ciudad perdida* e as imagens da Revista.

4.1 A revista *National* e o Império Informal

O volume de abril de 1913 da revista *National Geographic* contava com 244 ilustrações, entre fotografias, mapas e esquemas que enalteciam a descoberta realizada pela YPE. Como dissemos, estas fotografias revelaram, além das ruínas de Machu Picchu, indígenas e trabalhadores locais, paisagens (desde a praça central de Cusco até as vistas andinas) e animais típicos, como por exemplo as lhamas e os guanacos. Estas fotografias, por muito tempo, foram um dos principais referenciais imagéticos que os norte-americanos possuíam do Peru e da América do Sul. Apresentando o país como exótico e atrasado, estas fotografias reforçavam um estereótipo negativo que, de certa maneira, justificava a presença científica da YPE.

Como vimos no segundo capítulo deste trabalho, durante o século XIX, exploradores utilizavam do discurso científico para justificar sua presença para apreender culturas e povos, além de regiões do globo, que eram considerados exóticos e desconhecidos pela Europa. Da mesma forma, Hiram Bingham, o chefe responsável pela YPE, construiu sua carreira científica, mas também de político, chegando ao cargo de Governador do estado do Connecticut (1924) e Senador pelo Partido Republicano dos Estados Unidos (1924)¹⁶, através de sua participação na

¹⁶ Apesar de ser eleito governador do estado do Connecticut, Bingham cumpriu seu mandato por apenas um dia, pois teve de renunciar para poder assumir o cargo de Senador, ocupado por oito anos (1925-1933).

YPE e sua *descoberta* arqueológica. A fama de Bingham atravessou décadas, inspirando inclusive as vestimentas de personagens de filmes¹⁷

A imagem construída sobre Bingham, ou que ele mesmo constrói para si, é a de um conquistador bem sucedido, sendo amplamente disseminada, tanto pela revista *National* quanto por ele mesmo. Nas fotografias, capturadas por outros membros da expedição, o explorador sempre aparece com chapéu, casaco e calça, além das botas de canos longos (Figura 1). Gómez (2009), comenta que Bingham é representado como um *conquistador moderno*. Em vez de poses heroicas em retratos vitoriosos, o explorador é representado em uma postura descontraída, porém confiante.

Figura 3 - Hiram Bingham no acampamento da expedição



Photo by E. C. Erdis

THE DIRECTOR AT REST: MACHU PICCHU CAMP

The main tent in the camp at Machu Picchu and the Director at the completion of the season's work

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 516).

Legenda: Fotografia de E. C. Erdis.

De acordo com Gómez (2009), esta era uma estratégia editorial característica da revista *National* e de suas congêneres para representar os exploradores que veiculavam suas

¹⁷ Referimo-nos aqui à personagem de Indiana Jones, o famoso caçador de relíquias estrelado nos filmes por Harrison Ford e praticante de uma arqueologia predatória, típica da época, tal como Bingham.

fotorreportagens. Dessa forma, estas fotografias reforçam o tom heroico presente em muitos momentos da narrativa de Bingham, por exemplo, apresentando os contratempos e adversidades que a expedição, e o próprio Bingham, tiveram de enfrentar para chegar até Machu Picchu. Gómez ainda comenta que Bingham, inúmeras vezes, relata uma constante luta entre homem e natureza: “La naturaleza, la precaria infraestructura y el hombre se enfrentan en una lucha cuerpo a cuerpo” (GÓMEZ, 2009, p. 176). Para a autora apesar de, inicialmente, não ser representado como herói, Bingham assume, gradualmente, este status, dentro dos parâmetros modernos, representado no sujeito e na estética do corpo (GÓMEZ, 2009). Para a autora

Se trata de una estética entendida en la experiencia de los sentidos, es decir, como la vivencia en el cuerpo del individuo de la realidad circundante, muy a tono con la retórica de la aventura y la masculinidad que explotará la *National Geographic Magazine* (GÓMEZ, 2009, p. 175).

Assim, em diversas passagens de sua narrativa Bingham relata as dificuldades que ele e os membros da expedição tiveram de enfrentar: picadas de animais peçonhentos, o frio e as chuvas, subir as montanhas e atravessar rios que não possuíam pontes. É o caso, por exemplo, da Figura 2, que apresenta a ponte que K. C. Heald, topógrafo assistente da expedição, construiu para que a caravana pudesse atravessar o rio Urubamba e chegar até Machu Picchu.

Figura 4 - Ponte construída por Heald



Photo by Hiram Bingham

HEALD'S BRIDGE: MACHU PICCHU

The completed bridge over the rapids of the Urubamba, showing the forked upright still in place. The great difficulty in building this bridge lay in the fact that the timber was of such density that it would not float.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 423).

Legenda: Fotografia de Hiram Bingham.

A YPE não havia sido a primeira expedição de cunho científico a ser patrocinada pela *National Geographic Magazine*. Nos Estados Unidos, foram os especialistas da Revista que realizaram as primeiras expedições em parques como o Yellowstone e o Grand Canyon¹⁸ (GÓMEZ, 2009). Havia uma necessidade de compartilhar com o público leitor os feitos alcançados. Aos poucos, o país se torna pequeno demais para a *National*. Assim, ela passa a patrocinar, também, expedições para outros países, algumas até mesmo com caráter de pioneirismo, como é o caso da expedição de 1909, na qual o explorador Robert E. Peary chega ao Polo Norte¹⁹.

De acordo com Baitz (2005), no início do século XX os Estados Unidos estavam vivendo franco processo de expansão comercial, em decorrência das transformações industriais que o país havia passado no final do século XIX. Diante disso, o desenvolvimento da Geografia enquanto um ramo científico era necessário para consolidar esta expansão, mapeando lugares nos quais os Estados Unidos poderiam exercer sua influência:

O diferencial do novo processo imperialista consistia na desproporção tecnológico-industrial entre dominante e dominado, dividindo o mundo, aos olhos do colonizador, claramente entre civilizações atrasadas e modernas (Baitz, 2005, p. 233).

E é neste contexto que se inserem as expedições da *National*. Estas expedições contribuíram para a construção daquilo que Salvatore (2016) chamou de *império informal*: a influência que os Estados Unidos exerciam, seja na economia ou política de outros países. Assim, além de explorar para além dos limites geográficos do país, e compartilhar a experiência da conquista, a *National* servia como meio de difundir a influência norte-americana em outros países. Na esteira desse pensamento, Baitz (2005) pondera que, nesse período, mais além do que conhecer e estabelecer relações, era crucial que o conhecimento sobre determinadas regiões possibilitasse e facilitasse o controle e dominação.

¹⁸ O Parque Nacional de Yellowstone, localizado nos estados de Wyoming, Montana e Idaho no Estados Unidos, é o parque deste tipo mais antigo do mundo, um marco para as áreas preservadas, tendo sido criado em março de 1872. O Parque Nacional do Grand Canyon foi designado parque apenas em 1919, no entanto, já era muito famoso entre os estadunidenses.

¹⁹ Robert Edwin Peary (1856-1920) tornou-se famoso por ter sido a primeira pessoa a atingir o Polo Norte geográfico, numa expedição em 1909. No entanto, seu compatriota, Frederick Cook (1865-1940), alega ter estado no Polo Norte um ano antes de Peary, em 1908. A revista *National Geographic* publicou, em outubro de 1909 uma reportagem sobre as viagens de Peary e Cook, intitulada *The Discovery of the Pole*.

O que a revista *National* proporcionou foi levar este debate para dentro das residências norte-americanas. Gómez afirma que “La ciencia cumplió con la misión de nombrar el espacio e integrarlo a la imaginación nacional. Con las exploraciones de la *National Geographic Society* hacia otras regiones del globo, esta ambición se extendía en una vocación cognitiva imperial [...]” (GÓMEZ, 2016, p. 78). Ao lerem as fotorreportagens trazidas mensalmente nas páginas da *National*, o público leitor assimilava este contexto de imperialismo e enxergava essas intervenções como boas ações, que levavam a modernidade e industrialização para países tidos com *atrasados*.

Hall (2020) aponta que era essencial para o sucesso da expedição de Bingham que ela possuísse, em primeiro lugar, um caráter científico. Por isso, a importância de conseguir um topógrafo para a expedição, como ela demonstra analisando o epistolário de Hiram Bingham. Mas a autora também defende que a YPE foi muito além de ciência, pois o apoio de empresas e grandes corporações construiu a magnitude da *descoberta*. Este vínculo entre a ciência e a indústria proporcionou o sucesso da expedição (HALL, 2020). Novamente aqui percebemos aquilo que Pratt (1999) denominou de *anticonquista*: “O sistema criou [...] uma visão utópica e inocente da autoridade mundial europeia (PRATT, 1999, p. 78). No início do século XX, essa hegemonia científica passa a ser dos Estados Unidos. Dessa forma, a YPE e a revista *National* entendem-se enquanto instituições científicas possuidoras de autoridade e direitos para realizarem explorações em qualquer região do mundo. Após a veiculação da *descoberta* pela *National*, o Peru atraiu diversos interesses, como aponta Salvatore:

News companies wanted to send reporters to Peru. Book publishers wanted to include pictures of Machu Picchu in geography textbooks. Hunting clubs and naturalists suddenly developed an interest in collecting mammals in South America. Shipping companies started to plan for an increase in the number of travelers to Peru. Mining companies tried to decipher the riddle of “Inca metallurgy.” Surgeons began to inquire about Inca cranial trephinations. And the U.S. Department of Agriculture developed an interest in Inca roads and terrace farming (SALVATORE, 2016, p. 76).

Dessa forma, além do interesse científico, a expedição chefiada por Bingham, também possuía interesses nos campos econômicos para o governo dos Estados Unidos, que vinha adotando práticas de interferência na economia e política de países da América Latina. Assim, pessoas e empresas, além do governo dos Estados Unidos, contribuíram para a expedição de Bingham: a empresa Kodak doou câmeras fotográficas para seus membros, pretendendo por a prova suas máquinas nas grandes altitudes. A companhia de navios W. R. Grace permitiu que Bingham e seus companheiros viajassem em seus navios, além de despacharem seus materiais

de pesquisa e telegramas (HALL, 2020). Por isso, a expedição de Bingham carregava uma ideologia em sua bagagem.

De acordo com Salvatore (2016), a própria mídia estadunidense explorou a *descoberta de Machu Picchu* enquanto uma *conquista* nos novos moldes imperialistas. Os relatórios sobre a descoberta das ruínas incas deixavam implícito que um norte-americano e homem da ciência havia iniciado essa *segunda descoberta da América*. Era a união perfeita entre negócios e ciência (SALVATORE, 2016). O historiador também aponta o fato de que os jornais chamavam a atenção para o gênero, a raça e o nacionalismo do explorador, colocando Bingham como primeiro *homem branco* a estar em Machu Picchu (SALVATORE, 2016). Sobre os indígenas que moravam próximos às ruínas e levaram os exploradores até lá, nada é mencionado, nem por Bingham, nem pela imprensa norte-americana: “The fact that ‘natives’ knew about the existence of such ruins carried little significance” (SALVATORE, 2016, p. 76).

Assim a descoberta de Machu Picchu, que à primeira vista poderia ser considerada científica, acabou significando uma *conquista imperialista* estadunidense sobre o Peru. Hall (2020) defende que foi a própria ciência, representada pela YPE e seus especialistas, que configurou o Peru como um país necessitado e carente (HALL, local. 1472). Não obstante, as fotografias, especialmente as que representavam pessoas, também contribuíram para esta ideia de nação atrasada e de culturas inferiores.

4.2 O Peru sob as lentes do Império

Ao longo de sua história a revista *National Geographic* utilizou o recurso da fotografia como meio de atrair a atenção do público. Segundo a própria revista apenas no ano 1912, a *National* havia publicado 1452 fotos (BAITZ, 2004). Isso denotava a forma como a fotografia era estimada, tanto pelos editores da revista quanto pelos leitores. De acordo com Baitz (2004), “A entrada da fotografia em grande escala estava em sintonia com a pretensa imparcialidade científica das matérias e um maior profissionalismo alcançado pelo periódico” (BAITZ, 2004, p. 31). Estas fotografias não chamavam a atenção apenas pelo conteúdo relacionado à reportagem. Elas também eram muito belas. Baitz (2005) menciona que um alerta de proibição de reprodução das imagens era colocado no início de algumas reportagens, mas apenas naquelas em que as fotografias possuísem um potencial valor artístico. Para este autor, isso não ocorria casualmente. Baitz (2004) defende que as fotografias publicadas pela *National* entre os anos de 1896 e 1914 estavam orientadas por uma corrente muito influente no período, o *pictoralismo*

fotográfico. Essa corrente entendia que a fotografia era variante da pintura e, por isso, encontramos semelhanças entre as duas variações artísticas.

Assim, prevalece nas fotografias da *National* personagens posando, de corpo inteiro ou somente o busto – na melhor tradição renascentista – ou mesmo em cenas de natureza morta, com seus objetos imóveis. O diferencial da revista foi a montagem editorial explorando ao máximo os recursos da foto para contar uma história, narrando o desenvolvimento de uma ação, como por exemplo o processo de construção de uma ponte ou canal. (BAITZ, 2004, p. 34).

Embora a *National* tivesse um âmbito mais voltado para o científico, buscando levar informações relevantes para seu público leitor, Baitz (2004) comenta que muitas vezes a revista dava na mesma reportagem dois enfoques diferentes. Segundo o autor, isso era muito comum quando as reportagens tratavam de países latino-americanos: “[...] a revista, ao mesmo tempo em que apresentava os ‘números’ do país, descrevia o comportamento da sociedade local, através de narrativas de situações vividas pelo repórter/explorador” (BAITZ, 2004, p. 37). No entanto, este não era o cerne da reportagem:

O núcleo das matérias eram os dados objetivos sobre as riquezas do lugar reportado ou sua importância estratégica para fins comerciais ou militares, esses sim, eram considerados os temas ‘nobres’ do conhecimento geográfico e formavam o corte mais tradicional e sério desse saber, pois tratavam de temas de interesse de Estado (BAITZ, 2004, p. 37).

Isso se verifica na reportagem acerca da descoberta de Machu Picchu, em abril de 1913. Embora o foco principal da matéria fosse reportar a descoberta deste que viria a ser um importante sítio arqueológico, o corpo do texto e as legendas sempre apontavam para os temas de interesse de Estado. Como dissemos, não cabe no escopo deste trabalho analisar toda a reportagem veiculada sobre Machu Picchu, mas sim, analisar algumas das fotografias trazidas nesta edição e refletir sobre como elas ajudaram a construir um discurso sobre Machu Picchu.

No entanto, antes de partirmos para uma análise mais minuciosa destas imagens, é preciso esclarecer que a *National Geographic* colaborou também para a expansão do nacionalismo norte-americano do início do século XX. Como dissemos, no final do século XIX os Estados Unidos vivenciaram um processo de industrialização que propiciou que, no século XX, o país pudesse usufruir de uma economia pautada sobretudo no capitalismo imperialista. Nesse sentido, Baitz (2005), alerta para o contraste entre as reportagens sobre os Estados Unidos e países latino-americanos:

Comparado com as imagens sobre os países latino-americanos é saliente a diferença entre as imagens fornecidas sobre os Estados Unidos e as imagens sobre a América Latina, cujos recursos estéticos, os temas escolhidos e a forma de apresentá-los, dão conta de um local inóspito, desprovido de ordem institucional e mergulhado no mais profundo atraso econômico (BAITZ, 2005, p. 245).

Esta interpretação negativa da América Latina é proveniente ainda do século XIX, quando políticos e acadêmicos estadunidenses produziram uma visão sobre o continente latino-americano extremamente preconceituosa e estereotipada. Para estes autores, tratava-se de um continente atrasado, sendo os latino-americanos indolentes, preguiçosos e supersticiosos. Isso se deveria às formações diferentes entre o Sul e o Norte do continente. Enquanto a América do Norte foi colonizada por britânicos protestantes, a América do Sul e Central foi colonizada por espanhóis católicos. Como Ferres Júnior (2005) menciona, essa perspectiva negativa da América Espanhola deve muito à Lenda Negra²⁰:

Referências pejorativas às coisas espanholas eram comum na língua inglesa muito antes do termo *Latin America* ser traduzido. As disputas religiosas do século 16, o poder da Coroa Espanhola, cujos domínios se espalhavam por toda Europa e além, assim como o terror inspirado pela Real Armada contribuíram para a consolidação de um sentimento antiespanhol muito forte por parte dos habitantes da Grã-Bretanha e de outros países europeus, sentimento esse que ficou conhecido pelo nome de Lenda Negra (FERRES JÚNIOR, 2005, p. 56).

O autor também aponta o fato de que os maus tratos praticados pelos colonizadores espanhóis aos nativos do Novo Mundo servem para enaltecer a colonização inglesa como justa (FERRES JÚNIOR, 2005). Em decorrência disso, muitas vezes os adjetivos pejorativos dispensados aos latino-americanos estão associados à religião católica, como por exemplo idólatras e supersticiosos. Ademais, os governos liberais e republicanos latino-americanos do século XIX também eram ridicularizados pelos políticos estadunidenses. Por exemplo, o que Thomas Jefferson disse sobre a América Latina: “A história não conhece exemplo de um povo dominado por padres que tenha constituído um governo livre” (JEFFERSON *apud* FERRES JÚNIOR, 2005, p. 58). O que percebemos é que há um discurso extremamente racista por parte dos Estados Unidos com relação à América Latina.

Ferres Júnior (2005) também menciona que os adjetivos pejorativos conferidos aos latino-americanos encontravam uma oposição assimétrica para os estadunidenses. Dessa forma, enquanto os latino-americanos são supersticiosos, os estadunidenses são protestantes e anticatólicos. Enquanto os latino-americanos são indolentes, ignorantes, irracionais e

²⁰ A chamada “Lenda Negra” constitui um discurso crítico sobre a conquista espanhola da América, denunciando sua violência. Teve, também, uma dimensão de propaganda anticatólica pelas potências europeias, fruto de uma rivalidade política, comercial e militar, durante os séculos XVI e XVII, especialmente.

preguiçosos, os norte-americanos são trabalhadores, educados, racionais, e providos de iniciativa (FERRES JÚNIOR, 2005). Em decorrência disso, as reportagens da *National* exploravam essa assimetria, reforçando esses estereótipos negativos da América Latina.

Além dessa perspectiva negativa do continente latino-americano, Baitz (2004) atenta para uma homogeneização praticada pela *National* em suas fotografias. Ao mencionar uma reportagem veiculada pela revista no ano de 1907, intitulada *Queer Methods of Travel in Curious Corners of the World*, Baitz (2004) aponta para como a América Latina é representada como um espaço homogêneo. Enquanto o árabe é representado com um camelo, tendo como pano de fundo o deserto, ou o indiano está vestindo roupas típicas com castelos da região,

Para caracterizar a América Latina, a primeira foto da reportagem, mostra a imagem de uma rua de terra, repleta de crianças maltrapilhas acompanhadas por um casal de mestiços que se encontra do lado esquerdo do personagem principal do tema reportado, o burro [...]. A legenda diz somente *The Burro or Donkey of Spanish America*. A falta de melhor identificação da imagem – qual cidade ou mesmo país daquela foto – é revelador do processo de homogeneização, pelo discurso da revista, da existência de uma América Latina sem diferenças significativas entre os países que compõem o bloco (BAITZ, 2004, p.50).

A escolha de mestiços para representar os *latino-americanos* não é acidental. Ferres Júnior (2005) apresenta o debate acerca da anexação de territórios que hoje correspondem aos estados estadunidenses da Califórnia, Novo México, Utah, Nevada, Arizona e Colorado. Para o autor, os discursos para referendar ou rejeitar a anexação daquele território – pertencente a uma parcela do continente tida como *não branca* – passou pela discussão acerca da mestiçagem. Por exemplo, em 1847, ao discutir a questão da anexação do território mexicano, o senador John Berrien questionou: “Vocês pretendem colocar seus direitos sagrados (*birthright*) nas mãos de mestiços (*mongrel*) que habitam estes territórios? Pois é isto que se dará caso eles sejam incorporados à nossa União (BERRIEN *apud* FERRES JÚNIOR, 2005, p.61). Outro deputado contrário à anexação dos territórios mexicanos era Washington Hunt, deputado pelo estado de Nova York. Hunt defendeu:

Pensem no caráter da população que virá com [os territórios] para dentro de nossa Confederação. Devemos nos preparar para receber uma massa incongruente de espanhois, índios, e mexicanos mestiços (*mongrel*) – uma mescla de raças misturadas que não são capazes de administrar ou sequer gozar de nossas instituições livres: homens de sangue e língua diferentes, que não podem se misturar ao nosso povo em pé de igualdade social e política (HUNT *apud* FERRES JÚNIOR, 2005, p. 62).

Notemos o tom pejorativo que Hunt denota para os termos *espanhois*, *índios* e *mexicanos*. Como Ferres Júnior (2005) pondera, a característica mais marcante destes povos é

serem *não brancos*. E, por conseguinte, sendo não brancos, são dignos de dominação e hierarquização, como sugere Hunt, caso os territórios sejam anexados: “Eles devem ser governados como uma dependência colonial, sob leis especiais, caso contrário, se incorporado ao nosso sistema federal, tornar-se-ão uma fonte eterna de baderna, anarquia e comoção social” (HUNT *apud* FERRES JÚNIOR, 2005, p. 62). Aqui percebemos, novamente, essa posição assimétrica entre brancos, superiores hierarquicamente, e não brancos, inferiores. Como define Ferres Júnior (2005): “Enquanto o Eu coletivo identifica-se como branco, projeta sobre o Outro uma categoria genérica e abrangente de não-branco, exprimida através de uma diversidade de categorias raciais: mestiços, índios, espanhois, negros, etc.” (FERRES JÚNIOR, 2005, p. 62).

Isso fica evidente, por exemplo, ao observarmos a Figura 5. A legenda da imagem diz apenas tratar-se de uma *típica mulher peruana*. Devemos lembrar que o Peru possui uma diversidade étnica muito grande, oriunda das várias etnias indígenas que habitam o país. No entanto, na legenda da imagem percebemos o que Baitz (2004) aponta sobre a homogeneização que a *National* pratica. Não há identificação da etnia a qual aquela mulher pertence, ou mesmo seu nome.

Figura 5 - Mulher peruana fiando



Photo by L. T. Nelson

A TYPICAL PERUVIAN INDIAN WOMAN AT QUIQUIJANA, SOUTHERN PERU

Indian women in Peru are never idle. Even when walking along the roads they are almost always engaged in spinning with old-fashioned whirl-bobs and spindles such as their ancestors used over a thousand years ago.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 401).

Legenda: Fotografia de L. T. Nelson.

A legenda nos diz, ainda, que as mulheres indígenas jamais estão ociosas, pois elas estão sempre fiando, como seus ancestrais costumavam fazer há milhares de anos. Essa frase, além de novamente homogeneizar *todas as mujeres peruanas*, também apresenta a população indígena como arcaica e obsoleta. Como dissemos anteriormente, no final do século XIX os Estados Unidos vivenciaram um processo de transformação econômica e social. Com a vitória do Norte na Guerra da Secessão (1861-1865) a industrialização triunfou sobre a agricultura. Grandes obras de engenharia foram erigidas, máquinas passaram a ser empregadas nas empresas para aumentar a produção, até mesmo no campo tratores passaram a ser recorrentes nas grandes produções. A revista *National*, como agente veiculador dessas mudanças, publicava reportagens que enalteciam e celebravam este processo de industrialização que os Estados Unidos sofriam.

No entanto, ao comparar com os países vizinhos, a revista ressaltava a falta de industrialização e o atraso econômico. Como vimos, este discurso está presente desde meados do XIX. No entanto, indiretamente, a *National* concebeu aquela escala assimétrica que Ferres Júnior (2005) trata: enquanto os Estados Unidos representam o progresso e a indústria, as populações indígenas são apresentadas como atrasadas. Gómez (2009) diz que o “Occidente se concebía en constante evolución y progreso, en oposición a las culturas de las ruinas, fosilizadas y paralizadas en el tiempo” (GÓMEZ, 2009, p. 187). Assim, se constrói uma imagem do continente latino-americano como primitivo, atrasado e retrógrado.

Quando se trata de representar os latino-americanos, o repertório imagético não varia muito. Baitz (2004) atenta para o fato de quase sempre os alvos das câmeras da *National* são mestiços ou negros, vestidos com “[...] roupas ordinárias e puídas, invariavelmente descalços e entregues à atividade braçal, no limite da humilhação [...]” (BAITZ, 2004, p. 115). Como vimos anteriormente, os mestiços eram escolhidos para representarem as fotografias por conta do imaginário criado pelos Estados Unidos, no qual países de mestiços eram países sem ordem e sem governo. Assim, a revista também associava o nível de *atraso* de determinada nação à cor de sua população. Por exemplo, em uma reportagem de março de 1908, sobre o Haiti, a revista descreverá a população do país assim “As practically 90% per cent of the population are descendants from the former slaves, who have no higher ambition than to possess sufficient means to supply the demands of their appetites, their wants are easily satisfied (*apud* BAITZ, 2004, p. 116). Por outro lado, para representar nações desenvolvidas, como é o caso da Argentina, que como Baitz (2004) menciona, é uma exceção no que toca ao progresso

econômico latino-americano, a revista carrega nos números, chegando a descrever a população argentina como 99% branca!

No caso da edição de abril de 1913, não há uma única foto que apresente brancos, exceto os membros da expedição. Em todas as fotos que contém pessoas peruanas, estas são mestiças ou indígenas, mais comumente as primeiras. Apesar do estereótipo negativo associado aos mestiços, na Figura 6, na qual está representado Enrique Porres, um trabalhador peruano da expedição, este é descrito na legenda da imagem como *um dos trabalhadores mais inteligentes*. Esta legenda soa, para nós, algo como irônico pois a entonação utilizada para descrevê-lo torna quase que inconcebível que pudessem existir pessoas inteligente no Peru. No entanto, novamente o tom negativo é utilizado quando menciona o inchaço na bochecha de Porres que está mascando folhas de coca. A legenda inclusive explica que é destas folhas que a cocaína é extraída. Apesar de ter sido utilizada medicinalmente durante o século XIX, no início do século XX, com o aumento do consumo na sociedade, especialmente entre os intelectuais, a droga passou a ser mal vista devido seus efeitos colaterais²¹. Portando, tendo em vista que a revista aqui analisada foi veiculada em abril de 1913, podemos imaginar qual foi a percepção que os leitores estadunidenses tiveram ao ver Enrique Porres mascando as folhas de Coca. Hiram Bingham, o chefe da YPE associará, posteriormente, este hábito aos vícios de cocaína e álcool, e colocará a *raça indígena* como um dos empecilhos para a modernização do Peru (HALL, 2020).

Figura 6 - Trabalhador peruano mascando folhas de coca

²¹ De acordo com o site Mundo sem Drogas, apenas no ano de 1912, o governo dos Estados Unidos registrou 5 mil mortes causadas por overdose de cocaína. COCAÍNA: uma breve história. In: FUNDAÇÃO para um mundo sem drogas. [S.I., 2021?] Disponível em: <https://www.mundosemdrogas.org.br/drugfacts/cocaine/a-short-history.html>. Acesso em: 13 mai. 2021.



Photo by Hiram Bingham

THE BEST TYPE OF INDIAN WORKMAN : SOUTHERN PERU

Portrait of Enrique Porres, one of the most intelligent workmen that we had to assist in excavating Machu Picchu. In his cheek may be observed a swelling, showing the presence of a quid of coca, the leaves of the plant from which cocaine is extracted. Nearly all the Mountain Indians chew the coca leaf. A quid is carefully made up at the beginning of the day's work, during the middle of the morning, at the commencement of the afternoon's work, and in the middle of the afternoon.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 426).

Legenda: Fotografia de Hiram Bingham.

Como dissemos anteriormente, a revista *National* tinha como proposta veicular notícias sobre geografia, bem como divulgação científica. Entretanto Baitz (2004) comenta sobre uma mudança editorial da revista, ocorrida ainda no ano de 1896, quando, além de focar nos aspectos mais geográficos das regiões, agora a revista passaria a focar “[...] também em elementos culturais, como o desenvolvimento científico da humanidade, o comércio entre as nações e seus problemas políticos” (BAITZ, 2004, p. 111). Ainda segundo o autor, logo no primeiro número após a mudança de editorial, a revista declarava estar especialmente interessada nos países latino-americanos que, segundo o próprio editorial da revista, seriam objeto de exploração dos Estados Unidos, nos próximos anos:

To cover successfully so vast and so diversified field is entirely beyond the capacity of any single's periodical publication. Either it must restrict itself to physical geography and become largely technical, or it must content itself with briefly chronicling the more notable additions to geographic knowledge in those parts of the world in which its readers are less directly interested, and with becoming more especially the exponent of the geography – physical, political, and commercial – of the continent with which its publication more particularly identifies it. And surely in the case of any American publication this is a sufficiently broad field. There are vast regions of the

New World that must continued to tempt the venturesome explorer for many years to come (*apud* BAITZ, 2004, p. 111).

É interessante perceber como, para o editor da revista, o *Novo Mundo* deveria continuar a ser explorado pelos próximos anos. Há uma retórica muito semelhante à retórica da Conquista, ocorrida no século XVI. Dessa forma, os olhos de Bingham e de toda a expedição estavam voltados para as possíveis potencialidades geográficas que o Peru apresentava para os Estados Unidos. Antes da YPE, Bingham já havia viajado por alguns países latino-americanos e, em um de seus informes disse que “South America is ready to take American goods in very large quantities as soon as we are ready to take time to give attention to her needs” (BINGHAM, 1911, p. 388). Assim, percebemos que há, na mentalidade do explorador estadunidense, uma tentativa de identificar recursos naturais que pudessem ser aproveitados pelas empresas norte-americanas.

Isso se verifica na Figura 7, a qual apresenta lhamas caminhando pelo vale de Yucay. Na legenda da imagem consta uma pequena descrição acerca das lhamas – o peso que as lhamas são capazes de suportar e qual o preço médio de uma lhama. Além disso, a legenda também contém uma brevíssima descrição acerca do clima do vale retratado, bem como a descrição dos pomares que ladeiam a estrada. É nítida a tentativa de, muito além de descrever a região, propagandear os potenciais naturais do vale, comparando-o ao clima da Califórnia. Nesta legenda, especificamente, fica evidente aquilo que comentamos no segundo capítulo deste trabalho: a anticonquista, a maneira aparentemente desinteressada que o viajante – neste caso o repórter – apresenta e se apropria das características catalogadas (MACHADO, 2000).

Figura 7 - Lhamas no vale de Yucay

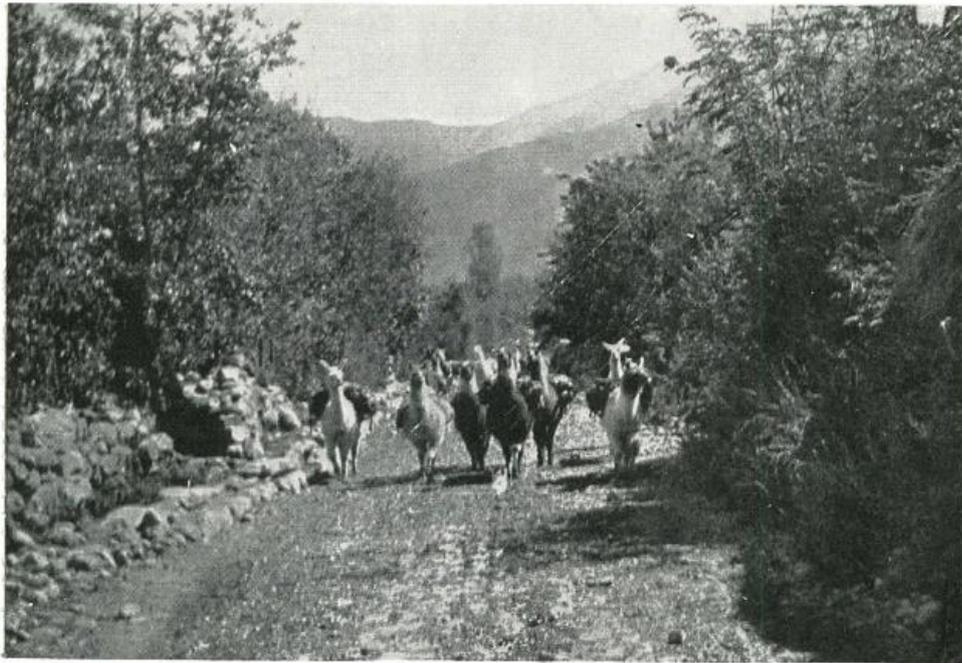


Photo by H. L. Tucker

LLAMAS IN THE YUCAY VALLEY

The llamas are carrying bundles of fire-wood. The total cargo of each llama is worth about 20 cents. The llama is valued at about \$3.00. Back of the trees on either side of the road are fruit orchards interspersed with acres of strawberry fields. This valley is the garden spot of southern Peru. The climate is like that of California.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 401).

Legenda: fotografadas por H. L. Tucker.

No segundo capítulo deste trabalho, apresentamos a maneira como, durante os séculos XVIII e, especialmente no XIX, viajantes europeus aproveitaram-se de uma retórica supostamente benigna e abstrata, para apropriarem-se de regiões até então desconhecidas. Pratt (1999) atribuiu essa apropriação à hegemonia global que os europeus possuíam: viajantes naturalistas, homens brancos e com discurso científico que triunfavam sobre o primitivismo das colônias. No século XX isso também se verifica durante a expedição de Bingham e da *National* ao Peru.

Durante escavações em sítios arqueológicos, a YPE encontrou restos de esqueletos humanos enterrados em *huacas*, ou seja, locais sagrados reservados aos sacerdotes ou líderes Incas (Figura 8). Ao tomarem conhecimento destes restos mortais, a expedição toma a liberdade de recolhê-los e levá-los aos Estados Unidos. No segundo capítulo deste trabalho apresentamos a maneira com que Hiram Bingham, o chefe da expedição, descreve estes momentos: recolhendo-os e levando-os para serem *estudados*. No entanto, o discurso da revista *National* não destoa do explorador. De acordo com a legenda da revista, os mais de cem esqueletos recolhidos pela expedição encontram-se *seguros* após terem sido retirados de seu local original.

Hall (2020) aponta para como, para o sucesso da YPE, era primordial que a expedição tivesse um caráter *científico*. Segundo a autora, os discursos que colocavam o Peru como um país sobre e atrasado eram baseados sobretudo em um *discurso científico*. A autoridade científica que a YPE representa é a mesma que os viajantes naturalistas dos séculos XIX simbolizavam: uma hegemonia branca, agora não mais europeia, mas sim estadunidense, sobre as colônias, agora não mais dentro de um sistema imperialista políticos, mas transformando estes países em potenciais regiões a serem exploradas. Para a revista *National*, não há problema nestes esqueletos serem retirados dos sítios pois, agora, eles estão *seguros*, já que se encontram nas mãos dos estadunidenses.

Como dito anteriormente, a YPE removeu estas ossadas e as levou para os Estados Unidos para serem analisadas e, posteriormente, expostas no museu Peabody de Yale. Entretanto, esse fato não era de todo desconhecido pelo governo peruano. Bingham e a YPE contaram com o apoio do presidente peruano, Augusto Leguía, bem como de outras autoridades, que permitiram a extração de material arqueológico das ruínas visitadas ela expedição. Hall (2020) aponta que, embora a legislação peruana proibisse a retirada de material arqueológico de sítios e ruínas, Bingham recebeu uma permissão especial do presidente Leguía para escavar a região. Além disso, a autora também assinala que houve um acordo entre o explorador e o presidente para que o material encontrado fosse dividido entre o Museu de Yale e o então Museo Nacional de Lima²² (HALL, local. 1298).

Figura 8 - Esqueletos de Machu Picchu

²² Deste fato resultou uma contenda não de todo resolvida, já que o Peru solicitou a devolução das ossadas levadas de Machu Picchu. Parte deste acervo foi devolvido ao Peru pelo Museu Peabody de Yale. No entanto, grande parte do acervo encontra-se ainda nas mãos de colecionadores que adquiriram as peças ainda no início do século XX.

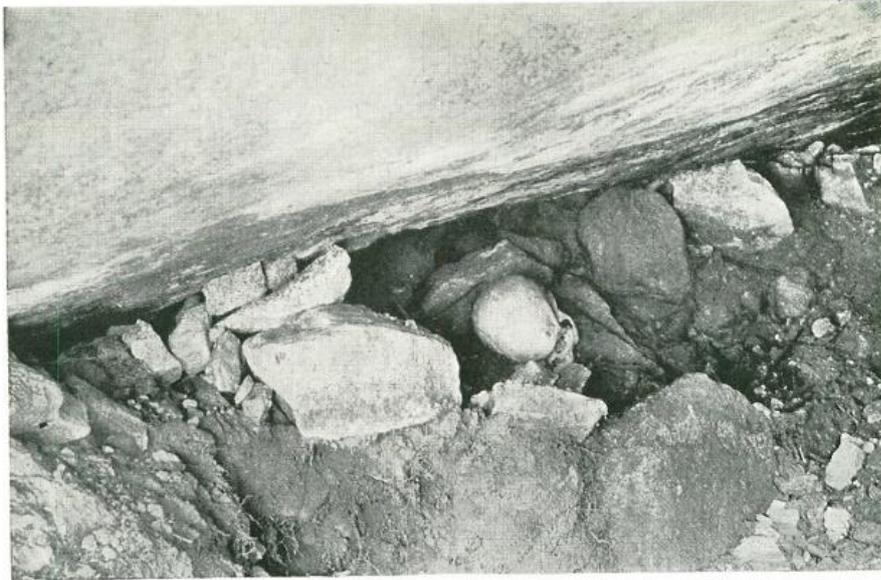


Photo by Hiram Bingham

A BURIAL CAVE AT MACHU PICCHU

The first burial cave discovered at Machu Picchu containing a human skull. The picture was taken after partial excavation, showing the skull still in place. In all, more than 100 such caves were opened and a large quantity of skeletal material secured.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 428).

Legenda: Fotografia de Hiram Bingham.

Contudo, como já dissemos, o achado principal da expedição foram as ruínas de Machu Picchu, que despertaram o interesse tanto dos membros da expedição, por seu cunho arqueológico, quanto do mundo, pela mística que se criou sobre a suposta cidade perdida dos Incas.

4.3 As ruínas da cidade perdida dos Incas

As fotografias de Machu Picchu foram bastante exploradas midiaticamente, pela *National* e por Bingham. Como dissemos, a origem destas ruínas esteve envolta em muitas teorias e conjecturas. Hiram Bingham, por exemplo, ao chegar a Machu Picchu, acreditou que se tratava de Tampu Tocco, a lendária cidade do Templo das Três Janelas. Segundo a lenda, desta cidade haviam surgido os primeiros incas Manco Cápac, Mama Ocllo e seus irmãos²³:

Para Bingham, es este encuentro de lo original y lo aurático lo que sustenta la validez de su descubrimiento. Machu Picchu se convierte así en el sitio originario, el lugar y el tiempo del mito, cuya importancia no es sólo arqueológica o histórica sino también

²³ Manco Capac, nascido no século XIII, foi o primeiro Inca, fundador do Império Inca e da cidade de Cusco. Mama Ocllo, esposa de Manco Capac, era a deusa da fertilidade, do casamento e das mulheres.

filosófica y religiosa, lo que será explotado en décadas posteriores por el turismo *new age* internacional (GÓMEZ, 2009, p. 185).

Portanto, para garantir sua imagem de conquistador e de descobridor, era essencial para Bingham representar Machu Picchu como uma cidade perdida e abandonada, pois estas fotografias passaram a simbolizar não apenas a dimensão da sua descoberta, mas também “la eficacia comunicativa de la evidencia fotográfica para un mercado imperial” (GÓMEZ, 2009, p. 187). Dessa forma, as fotografias tomadas por Bingham e outros membros da expedição capturam a cidadela com uma aura de abandono e esquecimento, prestes a renascer após sua descoberta pela expedição e veiculação na revista *National* (Figura 7).

Figura 9 - Ruínas de Machu Picchu

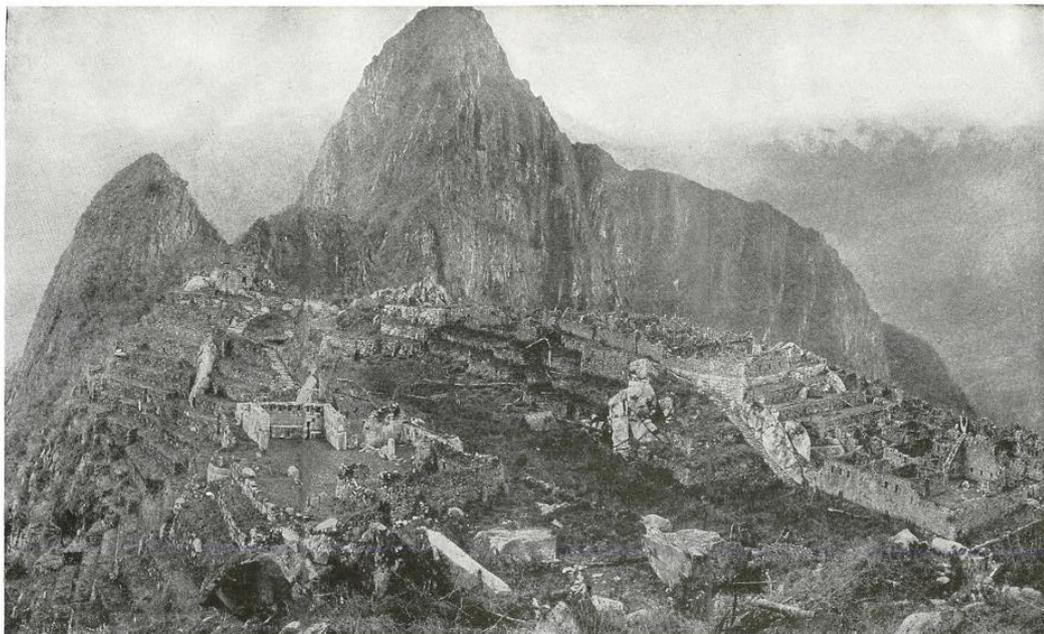


Photo by Hiram Bingham

THIS PICTURE GIVES A GENERAL VIEW OF ABOUT ONE-HALF OF THE CITY OF MACHU PICCHU

On the left are the western agricultural terraces. Above them is the Sacred Plaza, with the Chief Temple and the three-windowed temple to the right of it. Above these and connected with them by the finest stairway in Machu Picchu is the sacred hill, on which is located the Intihuatana, or sun dial stone. In the central picture in the immediate foreground are the rough boulders near which we found most of the little bronze pins and artifacts. Above them are the terraced gardens and a thatched hut built by the modern Indians. Above this in turn is one of the most densely crowded portions of the city, while to the right above the long stairway is the group called the Private Garden Group, and below it, on the extreme right, the group characterized by greatest ingenuity in its stonework. The beautiful peak of Huayna Picchu overshadows the city like a sentinel. On its summit were found a few rough caves whence guards could give warning of approaching danger.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 514).

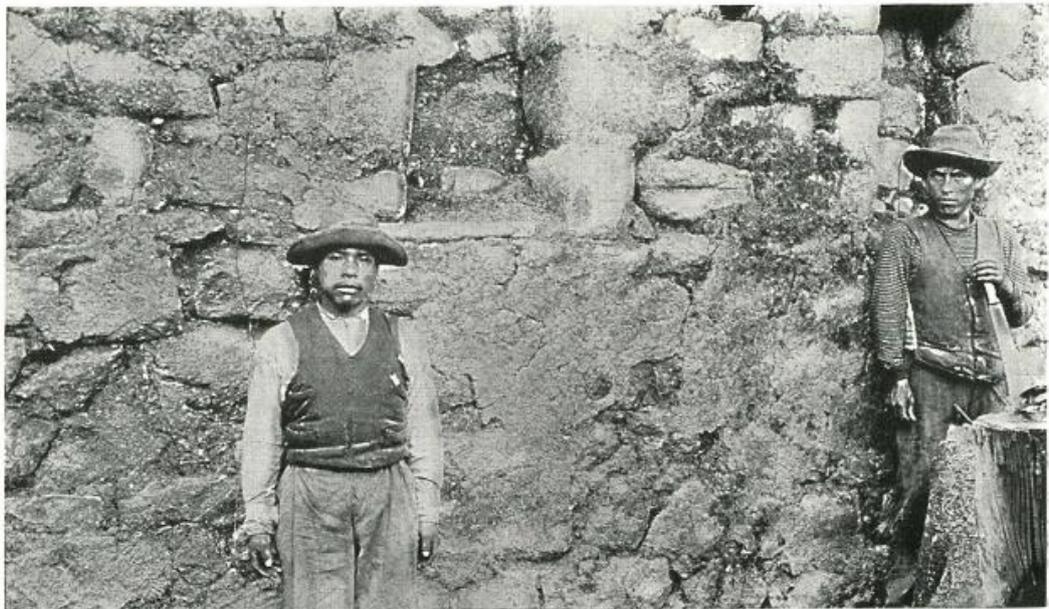
Legenda: Fotografia de Hiram Bingham.

Embora o foco da revista *National*, como dissemos, fosse retratar as potencialidades dos países latino-americanos para a possível exploração por parte dos Estados Unidos, a descoberta das ruínas de Machu Picchu se converteu em algo muito maior, pois era inesperado, para seus leitores, que um país representado como pobre e atrasado, pudesse conter ruínas tão estupendas. Assim, há um cuidado por parte do editorial da revista de não associar a construção de Machu

Picchu aos indígenas. Isso se reflete também na postura de Bingham, para quem as ruínas são, antes de tudo, a prova de um passado glorioso incaico. Contudo, este passado não existe mais, e tudo que restou foi a sombra daquilo que foi: as ruínas. Até mesmo os indígenas, para Bingham, não têm nenhuma ligação com a *grande raza* Inca: “Bingham se pergunta muchas veces dónde están las similitudes entre el hombre andino contemporáneo y el que construyó las ruinas de la civilización antigua” (GÓMEZ, 2009, p. 201).

Ao chegar às ruínas, Bingham é tomado pelo entusiasmo de medir e examinar tudo o que encontra. Este ímpeto de explorador é legitimado por uma autoridade de homem da ciência que lhe permite estudar e analisar os artefatos encontrados. Para ele, tudo é convertido em objeto a ser analisado: ruínas, pessoas e animais: “Las ruinas se construyen como objetos de la ciencia” (GÓMEZ, 2009, p. 188).

Figura 10 - Detalhe de ruína de Machu Picchu



Photos by Hiram Bingham.

STUCCO STILL IN POSITION: MACHU PICCHU

Some of the houses were lined with such beautiful stone work as to require no other finish. In others it seems probable that the roughly finished stones were covered with some kind of mud or plaster. The picture shows the only house in Machu Picchu where considerable portions of this plaster still remain on the walls (see page 471).

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 463).

Legenda: Fotografia de Hiram Bingham.

Como dissemos anteriormente, a presença de indígenas e mestiços nas fotografias era prática comum da *National*. No entanto, na Figura 10, apesar de estarem no primeiro plano da imagem, não são mencionadas na legenda, corroborando aquele discurso homogeneizador que

Baitz (2004) refere. Desse modo, Bingham utiliza pessoas, geralmente indígenas, para medir muros e ruínas, sendo utilizadas como meros equipamentos científicos, podendo ser descartadas posteriormente:

Le interesa [a Bingham] el dato etnográfico, la medición de proporciones, la precisión de las escalas. Es por esto que los muros de Machu Picchu están medidos con figuras de indígenas y las personas sostienen varas que sirven como parámetros de comparación para su altura (GÓMEZ, 2009, p. 188).

Figura 11 - Casa de Machu Picchu



TYPICAL HOUSES AT MACHU PICCHU

Photo by Hiram Bingham

This picture shows a part of the east portion of the city and the entrances to clan groups (see text, pages 459 and 464). One of the principal streets in the city runs along the terrace just outside the walls of the houses

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 464).

Legenda: Fotografia de Hiram Bingham.

A partir das fotografias veiculadas pela revista em abril de 1913, os Estados Unidos e o mundo passaram a enxergar o Peru, e de forma mais geral a América do Sul, através das lentes de Hiram Bingham e seus companheiros de expedição. Como Boris Kossoy pontuou, o fotógrafo é uma espécie de *filtro cultural* entre o objeto que é representado na fotografia e o resto do mundo que verá o resultado da foto:

A eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético –, a preocupação da organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural (KOSSOY, 2014, p. 46).

Dessa forma, as fotografias da *National* contribuíram para ratificar e moldar a maneira como os Estados Unidos, e o mundo, passariam a enxergar as ruínas de Machu Picchu. Há um especial cuidado, por parte do editorial da revista, e de Bingham, de não mencionar que as ruínas de Machu Picchu eram conhecidas e utilizadas pelos indígenas da região como local de cultivo e pastoreio. Representando, assim, a cidade de Machu Picchu como abandonada e esquecida, criou-se uma mística em torno de uma *cidade perdida* encontrada: “En última

instancia, Machu Picchu, la ciudad perdida reencontrada, se convirtió en una realidad maravillosa, a pesar de que ni era una ciudad, ni nunca estuvo realmente perdida” (HALL, 2020, local. 433). Estas fotografías também ajudaram a corroborar com a maneira com que os Estados Unidos enxergavam as culturas ameríndias: atrasadas, cristalizadas no tempo, *fossilizadas*. Além disso, estas fotografias confirmaram o discurso de superioridade norte-americana sobre as populações latino-americanas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do desenvolvimento desta pesquisa, percebemos que os discursos construídos sobre os indígenas peruanos e sobre o território do Peru, tanto por Bingham quanto pela *National Geographic Magazine* possuem uma retórica muito semelhante à da anticonquista proposta por Pratt (1999) para os séculos XVIII e XIX. Apropriando-se e mapeando os territórios de países latino-americanos, as expedições da *National*, e a YPE construíram no século XX um discurso que legitimava uma dominação, mesmo que esta representasse uma dominação econômica e cultural.

Percebemos que Hiram Bingham e a revista *National* edificam seus discursos de maneiras diferentes, porém extremamente efetivas. Enquanto o explorador utiliza de um discurso de dominação baseado especialmente na sua autorrepresentação, a revista utiliza de imagens, principalmente fotografias, que demonstram, ao mesmo tempo, as fragilidades do continente latino-americano e as potencialidades a serem exploradas pelo governo capitalista norte-americano.

O discurso de Bingham acerca de Machu Picchu é voltado, principalmente, para o tom heroico de sua *conquista*. Por exemplo, apesar de inicialmente admitir que não havia sido o primeiro homem branco a pisar em Machu Picchu, com o tempo a retórica do explorador muda, colocando-se como o grande descobridor desta cidade perdida. Ao analisarmos o livro de Bingham, *La ciudad perdida de los Incas* verificamos que o autor, o mesmo tempo que enaltece a civilização Inca, desfaz os indígenas com quem entra em contato. Há uma dificuldade, por parte do explorador, de perceber os indígenas e mestiços peruanos como descendente daquela *raza perdida* a que ele se refere.

Como vimos, isso se deve em decorrência do estereótipo negativo relacionado aos latino-americanos, presentes nos discursos de políticos e intelectuais durante o século XIX. Este preconceito deve-se em, em grande parte, como mencionado por Ferres Júnior (2005), ao fato de que a América Latina era um continente de mestiços. Durante os debates de anexação do território mexicano, após a Guerra Mexicano-Americana (1846-1848), aqueles que rejeitavam a anexação justificavam devido à mestiçagem das populações abaixo do Rio Grande. Os Estados Unidos vangloriavam-se por sua pureza de sangue, uma nação branca, onde a ordem, o progresso, a civilidade e o trabalho imperavam. Por outro lado, a América Latina era representada como um continente de desordem, as recentes repúblicas eram desmoralizadas pelos estadunidenses. Os latino-americanos eram tidos como preguiçosos, indolentes, ignorantes, ineptos.

Durante o século XX, estes estereótipos foram utilizados pela revista *National Geographic* para representar os latino-americanos em suas páginas. Conforme Baitz (2004), enquanto as reportagens que tratavam dos Estados Unidos enalteciam as mudanças sociais e econômicas, reportando o país como uma nação industrial e moderna, os países latino-americanos eram representados como pobres e agrícolas. As fotografias que eram escolhidas para representar países latino-americanos mostravam mestiços ou indígenas, ou com roupas gastas e simples, para demonstrar a pobreza da região, ou então com trajes típicos, exaltando o caráter exótico daquelas culturas. Como Baitz (2004) observa, a leitura que a revista fazia do contexto norte-americano era parcial. Embora exaltasse o desenvolvimento tecnológico e as indústrias, grande parte da população sofreu com esse desenvolvimento, gerando desigualdades sociais, fome e pobreza, que nunca eram mostradas nas páginas da revista.

Ao representar a América Latina, a revista *National* também voltava suas câmeras para aquilo que poderia ser utilizado como potencialidades para a expansão econômica dos Estados Unidos. Assim, o tom utilizado pela revista era o de celebrar a *conquista* de uma estadunidense, homem e branco, que *descobriu* Machu Picchu. Dessa forma a revista contribuiu para construção de um discurso que colocava o Peru dentro daquilo que Salvatore (2016) chamou de *império informal*. Como vimos, o objetivo da revista *National* era justamente apresentar o *Novo Mundo* como um território a ser explorado.

Diante disso, as fotografias veiculadas na edição de abril de 1913 demonstravam o Peru como um país sem indústrias, com uma população de indígenas e mestiços muito grande – como vimos, nas fotografias, os únicos brancos presentes são os membros da expedição. Como Baitz (2004) e Ferres Júnior (2005) comentam, a quantidade de população não branca de um determinado país está proporcionalmente associada à sua pobreza. É possível perceber, nas imagens, aquilo que Baitz (2004) chamou de homogeneização da América Latina. Para o autor, em diversas imagens veiculadas pela revista, não há o cuidado de especificar de qual país ou região aquelas fotografias são oriundas, apresentando, assim, o continente latino-americano como um bloco monolítico. Isso pode ser verificado na Figura 5, na qual uma mulher indígena é representada sem que, contudo, especifiquem seu nome ou mesmo sua etnia.

O discurso da anticonquista está presente até mesmo em imagens que apresentam paisagens ou animais, como é o caso da Figura 7. A legenda da imagem apresenta, de forma bastante sutil, as qualidades das lhamas, além de descrever a região do vale de Yucay bem como o clima da região. A retórica utilizada pela revista de apresentar a região é a mesma utilizada pelos viajantes naturalistas do século XIX que se apropriavam de uma região descrevendo-a para os leitores europeus.

Além disso, percebemos que há um cuidado por parte da revista de não relacionar diretamente os indígenas peruanos à construção das ruínas. É extremamente relevante o fato de que, nas legendas presentes nas imagens analisadas para este trabalho, não há menção aos seus construtores. Embora Hiram Bingham posteriormente credite a construção de Machu Picchu aos Incas, nas páginas da revista nada sobre a antiga civilização americana é comentado. Isso é expressivo, pois há uma tentativa por parte da revista de ocultar os indígenas e representá-los apenas como uma cultura arcaica e atrasada e não como os grandes construtores que foram, uma grande civilização, bastante organizada. Assim, novamente a *National* direciona seu discurso com a finalidade de mostrar apenas aquilo que seu público espera ver sobre a América Latina.

A retirada dos restos mortais das sepulturas de Machu Picchu também é uma característica de anticonquista da YPE. Ao apropriarem-se destes, novamente os membros da expedição, especialmente seu chefe, Hiram Bingham, realizam a anticonquista a que se refere Pratt (1999). Neste caso, os exploradores utilizam de sua autoridade científica para referendar uma *conquista* sobre as populações primitivas, apropriando-se de objetos sagrados para estas, neste caso, as múmias de sacerdotes e líderes incas.

Assim, finalizamos essa pesquisa cientes de que o discurso perpetrado tanto por Bingham quanto pela revista *National* é reflexo ainda da forma como os Estados Unidos caracterizavam os latino-americanos no século XIX. A partir da análise das imagens veiculadas nas páginas da edição de abril de 1913, verificamos que há o cuidado, por parte da revista, de mostrar apenas aquilo que se quer ver, ou seja, mostrar uma América Latina que já era esperada por seu público leitor. Assim, mesmo que as ruínas de Machu Picchu sejam o grande tema celebrado, não há ligação aos povos indígenas e, assim, o continente latino-americano continuava sendo a terra do primitivismo, da pobreza e do retrocesso.

Por fim, cabe dizer que os eventos de 1911 ainda reverberam e o governo peruano tem cobrado da Universidade de Yale a devolução de todas as peças que foram retiradas ilegalmente pela YPE ao longo de suas expedições. Embora a universidade americana tenha devolvido algumas destas peças, ainda há muitas mais em posse de colecionadores que as adquiriram durante as escavações.

Também a busca por cidades perdidas continua sendo alvo de repórteres e revistas científicas. Em 2012, arqueólogos e cientistas encontraram, na floresta de *La Mosquita*, em Honduras, as ruínas do que seria a Cidade Branca, mais conhecida como Cidade Perdida do Deus Macaco. Segundo a lenda, o local abrigava uma civilização perdida que refugiava indígenas que fugiam dos conquistadores espanhóis, e da qual ninguém retornava. Em vez de

múmias e tesouros, o que os cientistas descobriram é um bioma que abriga uma diversidade de plantas e animais, alguns que, inclusive, eram considerados extintos. Assim, a busca por cidades perdidas continua, e, talvez nos próximos anos continuemos a ser surpreendidos por tais descobertas.

REFERÊNCIAS

- ARREGUI, Frederico Álvarez. El debate del Nuevo Mundo. *In*: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina: Palavra, Literatura e Cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p. 35-66.
- BAITZ, Rafael. FOTOGRAFIA E NACIONALISMO: A Revista The National Geographic Magazine e a Construção da Identidade Nacional Norte-Americana (1895-1914). **Revista de História**, São Paulo, n. 153, , p. 225-250. Dez. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19011/21074>. Acesso em: 13 mai. 2021.
- BAITZ, Rafael. **Imagens da América Latina na revista The National Geographic Magazine (1895-1914)**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- BINGHAM, Hiram. **Across South America**. Cambridge: The Riverside Press, 1911.
- BINGHAM, Hiram. **La Ciudad perdida de los Incas**. Lima: PeruBook, 2010.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a história do Novo Mundo: histórias, epistemologias e identidades no Mundo Atlântico do século XVIII**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [s. d.].
- COCAÍNA: uma breve história. *In*: FUNDAÇÃO para um mundo sem drogas. [S.I., 2021?] Disponível em: <https://www.mundosemdrogas.org.br/drugfacts/cocaine/a-short-history.html>. Acesso em: 13 mai. 2021.
- ESPINOZA, Javier Flores. La mirada imperial: Bingham y Machu Picchu. **Historica**, [s. l.], XLIII.1, p. 157-166. 2019. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/21338>. Acesso em: 20 mai. 2021.
- ESTELA “D”. *In*: Wikimedia, 2021. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/Catherwood_stela_d.jpg. Acesso em: 26 maio 2021.
- FAGAN, Brian. **Percursos de la arqueología en America**. Ciudad de México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- FERRES JÚNIOR, João. **A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos**. Bauru: EDUSC, 2005.
- GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GOMES, Marcelo Salcedo. **A midiatização do contato nos retratos da National Geographic**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5163>. Acesso em: 24 maio 2021.

GÓMEZ, Leila. **Illuminados y transfugas**: relatos de viajeros y ficciones nacionales en Argentina, Paraguay y Perú. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2009.

GÓMEZ, Leila. Machu Picchu reclamada: viajes y fotografías de Hiram Bingham, Abraham Guillén y Martín Chambi. **Revista Iberoamericana**. [S. l.], n. 220, v. 78, p. 497-513, jul./set. 2007. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/5341>. Acesso em: 25 mai. 2021.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**: o deslumbramento do novo mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

HALL, Amy Cox. **Inventando una ciudad perdida**: ciencia, fotografía y la leyenda de Machu Picchu. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2020. *E-book*.

HEANEY, Christopher. **Las tumbas de Machu Picchu**. La historia de Hiram Bingham y la búsqueda de las últimas ciudades de los Incas. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2012.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LANGER, Johnni. **Arqueologia do irreal**: as cidades imaginárias do Brasil. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Cursos de Pós-Graduação em História, Univeridade Federal do Paraná, Curitiba, 1996. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/32816>. Acesso em: 01 mai. 2021.

LANGER, Johnni. Mitos arqueológicos e poder. **Clio Arqueologica**, [s. l.], n. 12, p. 109-125. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/247106>. Acesso em: 10 mai. 2021.

LANGER, Johnni. Os enigmas de um continente: as origens da Arqueologia americana (1750-1850). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, n. 1, v. XXVII, p. 143-158. jun. 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24515>. Acesso em: 19 mai. 2021.

LANGER, Johnni. **Ruínas e Mito**: a arqueologia no Brasil Império. 2000. Tese (Doutorado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Univeridade Federal do Paraná, Curitiba, 2000. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/28598>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MAGASICH-AIROLA, Jorge; BEER, Jean-Marc de. **América Mágica**: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. PRATT, Mary Louise. Os olhos do império. Relatos de viagem e transculturação. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 281-289, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/gqY4JXsyFFpWXd4MZc3BbkG/?lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2021.

MAPS ETC. *In: Maps ETC*, 2021. Disponível em:
<https://etc.usf.edu/maps/pages/10100/10150/10150.htm>. Acesso em: 26 mai. 2021.

MORAES, Verena Raquel Fornetti. **Jornalismo científico fetichizado**: análise comparativa das revistas Superinteressante, suas edições especiais e National Geographic Magazine. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2007. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99805>. Acesso em: 26 mai. 2021.

PASTOR, Beatriz. **Discursos narrativos de la conquista**: mitificación y emergencia. 2. ed. Hanover: Ediciones del Norte, 1988.

PEASE, Mariana Mould de. Machu Picchu: un rompecabezas para armar. **Revista Andina**. [s. l.], n. 41, p. 199-220. 2005. Disponível em: <http://revista.cbc.org.pe/index.php/revista-andina/article/download/322/304/>. Acesso em: 26 mai. 2021.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

ROWE, John H. Machu Picchu a la luz de documentos de siglo XVI. **Historica**, California, n. 1, v. XIV, p. 139-154. jul. 1990. Disponível em:
<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/8813>. Acesso em: 28 mai. 2021.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALVATORE, Ricardo. **Disciplinary Conquest**: U.S. scholars in South America, 1900-1945. Durham; London: Duke University Press, 2016.

THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE: in the wonderland of Peru. *In: National Geographic Society*, Washington, v. 24, n. 4, Apr. 1913. Disponível em:
https://natgeo.gale.com/natgeo/archive/CoversDetailsPage/CoversDetailsWindow?disableHighlighting=false&displayGroupName=NatGeo-Covers&currPage=&scanId=&query=&docIndex=&source=&prodId=NGMA&search_within_results=&p=NGMA&mode=view&catId=&u=capesnatgeo&limiter=&display-query=&displayGroups=&contentModules=&action=e&sortBy=&documentId=GALE%7CTVAMGI925547844&windowstate=normal&activityType=&failOverType=&commentary=. Acesso em: 4 out. 2020.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.